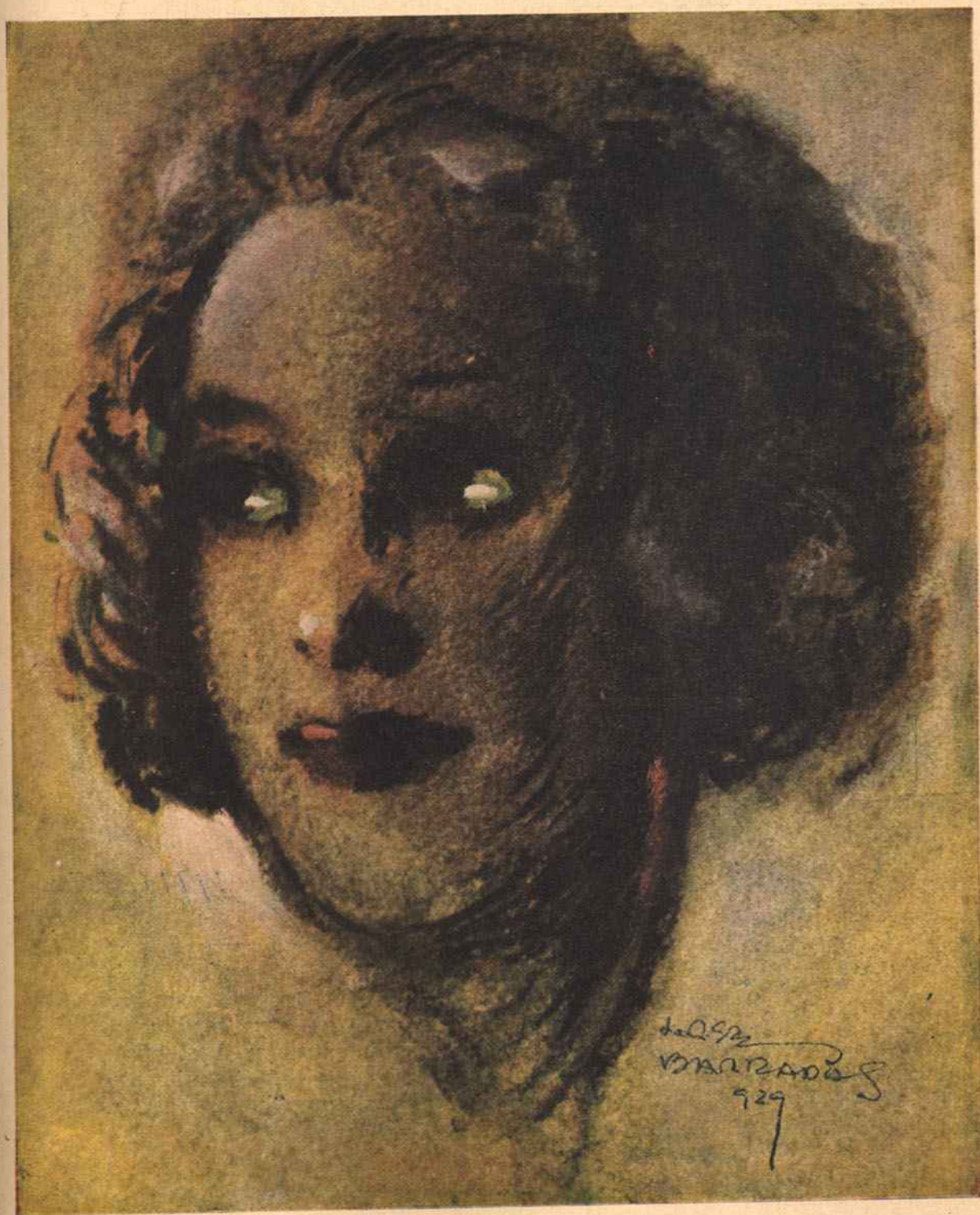


ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NUMERO 93

Lisboa, 1 de Novembro de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



NA VOSSA CASA

Desejais certamente todas as comodidades que a engenharia do nosso seculo vos pode proporcionar, tanto para o grande luxo que hoje em dia representa uma cosinha moderna, como especialmente para a higiene que oferecem os modernos aparelhos domesticos, como sejam, refrigeradores, aspiradores, filtros para agua, enceradoras e lavadores de roupa.

A CASA ESPECIALISTA É:

Praça dos Restauradores, 72
Telefone N. 4157
LISBOA

Electrolux

Avenida dos Aliados, 9
Telefone N.º 2033
PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

PARA OS LABIOS...

Uma alta novidade: o actual «baton» MARQUITTA de «NALLY», que se fixa longamente nos lábios, passa a custar nos mesmos tubos de alumínio, em vez de 3\$00 como até aqui, sómente 2\$50

O mesmo «baton» MARQUITTA, num moderno estojo metálico, de luxo, com movimento, dourado ou niquelado 4\$00

Desta forma pode a mulher portuguesa adquirir o mais belo produto de beleza que actualmente se vende para os lábios, em qualquer dos tons da moda, acondicionado com luxos e a preços baratísimos.

Quando esteja gasto o «baton» (já de si de grande rendimento) continuam os estojos metálicos de luxo a servir ainda por longo tempo, carregando-os novamente com os «batons» de recarga, que se vendem avulso a 1\$20

PARA OS OLHOS...

CRAYON «noir» de MARQUITTA de NALLY, para beleza dos olhos, dando a impressão de que são maiores, mais brilhantes e mais rasgados:

Em estojo metálico de luxo..... 4\$00
«Crayons» de recarga avulso para os mesmos estojos 1\$20

ATENÇÃO:—OS ESTOJOS METÁLICOS DE «BATONS» E «CRAYONS» LEVAM GRAVADAS AS PALAVRAS MARQUITTA-NALLY NO TOPO EM LUGAR DO SELO DE GARANTIA.

SECÇÃO DE PERFUMARIA DA EVA
Largo Trindade Coelho, 10



Os Soberanos do Organismo!

O estomago, o figado e o intestino dominam soberanamente no nosso organismo. Assegure-lhes o seu funcionamento normal tomando todos os dias um pouco de ENO's "Fruit Salt", laxativo muito suave e puro, não contendo nem sal mineral purgativo, nem assucar.

O ENO preserva-nos das enxaquecas, das azias e da prisão de ventre, origem de tantas doenças. Todos podem tomar o ENO sem receio; meio seculo de sucessos são sufficiente garantia da sua eficacia.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositaríos em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C^o. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

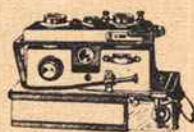
ENO

FRUIT SALT

"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

Os Tres Melhores
APPARELHOS
de
photographia
estereoscopica

Jules
Richard



VÉRASCOPE
45-107 6-13 7-13

GLYPHOSCOPE
45-107 6-13

HOMÉOS
27 VISTAS SOBRE PELLICULAS

ENVIAR SE O CATALOGO A QUEM O SOLICITAR

S^{te} A^{me} des E^{ts} JULES RICHARD. 25 RUE MELINGUE
MAGASIN DE VENTE 7. RUE LA FAYETTE PARIS

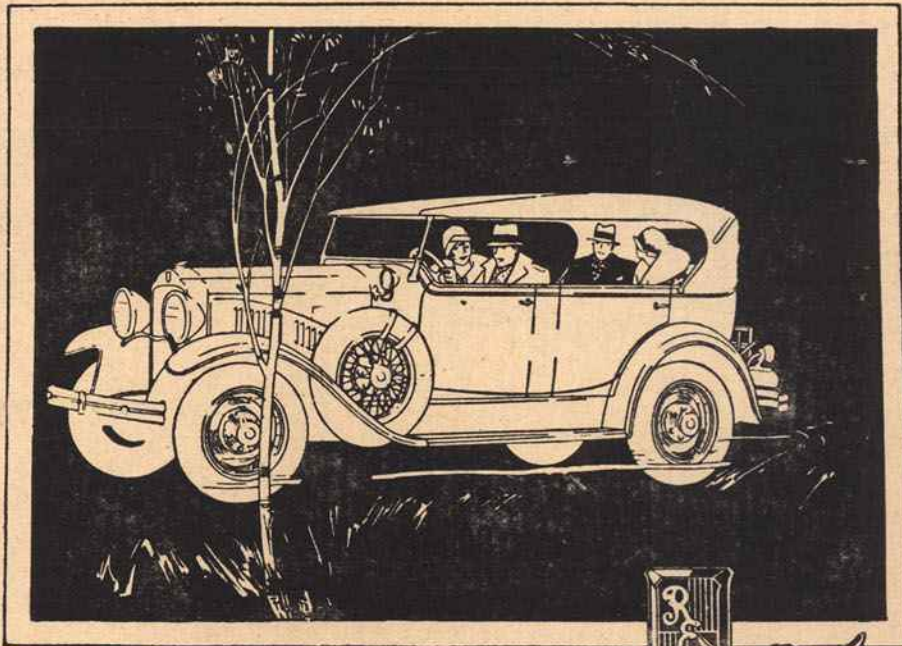
REO*

Comodidade nas más estradas

A comodidade dos automoveis REO é um facto tao reconhecido entre os automobilistas experimentados, como o é a sua longa duração e segurança.

Os automoveis REO oferecem, tanto nos logares dos passageiros como no do condutor, amplo espaço para as pernas. Os assentos são esplendidamente estofados, profundos e de uma amplitão pouco vulgar.

As suas molas semi-elípticas, grandes e flexíveis são sujeitas ao chassis por calces de borracha. A comodidade nas viagens, sobretudo em más estradas, torna-se ainda maior mercê dos seus amortecedores hidraulicos á frente e á traseira do carro.



**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.*

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 TELF. N-789 (PBX) LISBOA

ALMANACH

31.º ANO -- 1930

UNICO NO SEU GENERO
EM PORTUGAL

BERTRAND

A mais antiga e maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa

RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronomica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado . **10\$00**

Encadernado luxuosamente. **18\$00**

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAMOFONES = DISCOS



"His Master's Voice"

A MARCA DE MAIOR REPUTAÇÃO MUNDIAL

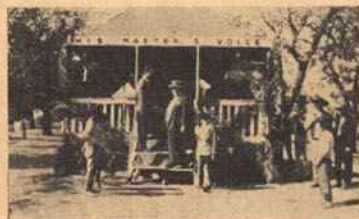
Esta soberba marca, fez-se representar nos grandes festejos a N. Sr.ª da Rocha, realizados em 28, 29 e 30 de Setembro e 1 de Outubro, com um elegante *stand* que aqui se reproduz em 2 gravuras.

AGENTES GERAIS:

GRANDE BAZAR DO PORTO

Sede: R. de St.ª Catarina, 192-198 — PORTO

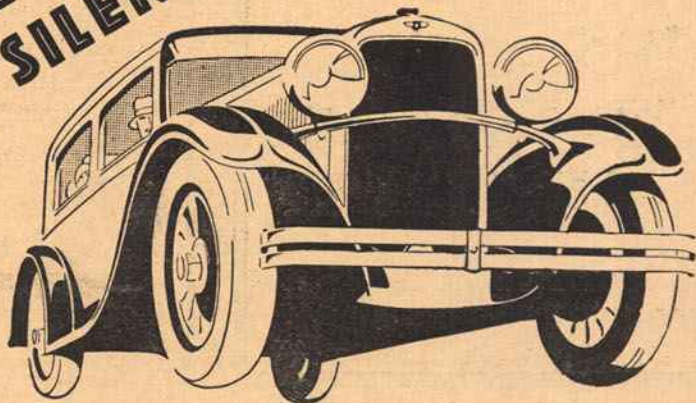
FILIAL: R. Augusta, 150-152 — LISBOA



REVENDEDOR EM CUBA:

JOÃO HENRIQUES D'ALMEIDA

**O NOVO
DODGE BROTHERS SEIS
FORTE - SILENCIOSO - DURAVEL**



A casa Dodge Brothers, famosa desde ha tanto tempo pela força, solidez, e perfeição mecânica dos seus carros, acaba de espantar e entusiasmar todo o mundo com a seu ultimo carro "Dodge Brothers Seis."

Um chassis ideado para poder em toda a sua extensão correr suave e silenciosamente. Uma machina dotada de seis cylindros assentes sobre borracha. Veio de manivella com sete chumaceiras. Embolos de tirante Invar. Engrenagens de faces grandes. Um modelo revolucionario de caixa de carro que apesar do uso e do tempo sempre se conservará silencioso, sem fazer nenhum ruido. A caixa de carro "Mono-peça." Sem juntas. Rigida. Espaçosa. Construida dentro do proprio chassis para tornar o carro inteiro ainda mais estavel. Ide ver, hoje mesmo, um dos modelos do Dodge Brothers Seis, no armazem d'um dos negociantes. Assentai-vos lá dentro. Examinai bem cada detalhe e ficareis convencido que é este o carro mais espaçoso, e mais elegante que a casa Dodge Brothers até hoje tenha construido.

**PROVAI
O NOVO
CARRO**

**DODGE BROTHERS
SEIS**

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN



RARE
 Nada mais delicioso, mais suave,
 mais perturbador e persistente
 do que os perfumes RARE de
GELLÉ FRÈRES - PARIS
 Linda apresentação.
 Escolhei o que for mais do
 vosso gosto:
 Chypre - Narcisse - Rose - Violette
 Lilas - Muguet - Hélotrope - Jasmin
 (Eillet).
**TODAS AS FLORES
 TODOS OS PERFUMES.**
A venda em todas as boas Casas
 AGENTES GERAIS STETTEN & C. LDA 119, RUA DA MADALENA LISBOA

PÈTROLE CHIMIQUE DE NALLY

(A base de pétrole neutre, acetone,
 quinquina, cantharide ete ac salyc)

É um composto da sciencia moderna,
 inofensivo e inteiramente diferente dos
 seus similares. Producto energico e po-
 tente, comunica aos cabelos uma forte
 vitalidade, impedindo totalmente a sua
 queda e a formação da caspa. Delica-
 damente perfumado, usa-se como
 qualquer loção deste genero.

PREÇO 20\$00

PEDIDOS Á
Secção de perfumaria da EVA
 L. Trindade Coelho, 10

LEIAM O

MAGAZINE BERTRAND

**SAÍU O NUMERO
 DE NOVEMBRO**

Á MULHER EXIGENTE ARTE DE A CONTENTAR!

O pó de arroz **Benamor** é, indiscutivelmente, o produto do seu género que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferência que lhe dá o público feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de belesa e sabe inteligentemente escolhê-los. Pois para corresponder a tão ostensiva preferência, lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ **BENAMOR**

em elegantes caixas de um refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50 - REDONDAS A 6\$00

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa de «gato», vai perfumado com a deliciosa essência

«LÁ VERBÉNE» DE **NALLY**

que só por si lhe dá uma adorável distinção. Perfume novo numa embalagem linda!
 Peça portanto, minha senhora, de ora avante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ **BENAMOR** (Caixa lilaz)

sendo bom notar que as antigas caixas com o «gato» continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual é o seu custo. Apenas difere na elegância da caixa e no seu novo perfume, de uma verdadeira sedução

Pedidos à SECÇÃO DE PERFUMARIA DA EVA
 Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

AS DUAS ALTAS VELOCIDADES DENTRO DA CIDADE

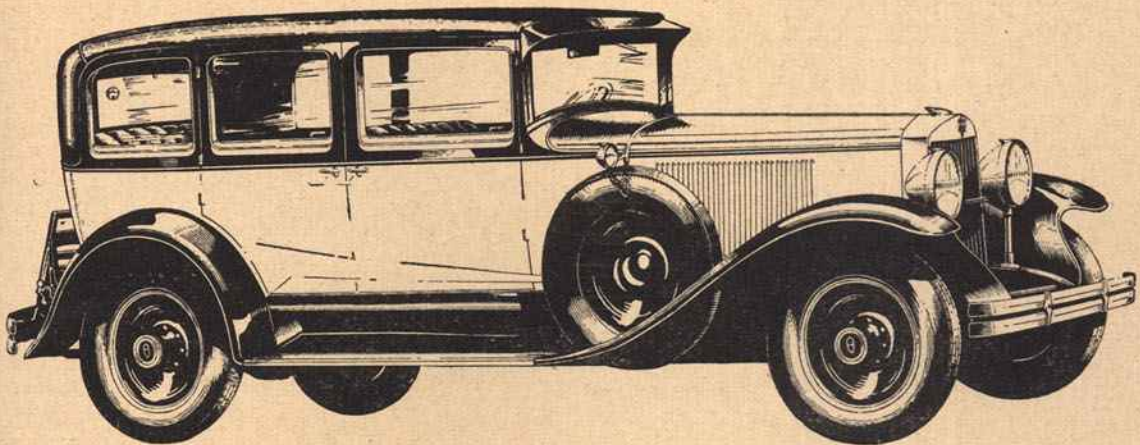


Os automóveis Graham-Paige oferecem grande variedade de *carrosseries*, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Sport Phaetons sobre cinco *chassis* distintos, de seis e oito cilindros, a preços ao alcance de todos. Levam transmissão de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

QUATRO VELOCIDADES PARA DIANTE, COM MUDANÇA DE MANEJO IGUAL AO CORRENTE DE TRÊS

Os proprietários dos carros Graham-Paige, afirmam que quando mais apreciam em todo o seu valôr as excelencias da transmissão de quatro velocidades, com mudança de manejo igual ao corrente de três, é quando guiam entre o tráfico urbano. Elogiam a rápida aceleração conseguida em *terceira* — engrenagem interior silenciosa —, a suave leveza que obtêm em *quarta*, as contadas vezes que se torna mister mudar de velocidade e a facilidade com que em qualquer momento podem guiar o carro. Convidamo-lo a experimentar esta nova satisfação que lhe proporcionam os Graham-Paige.

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



Sedán, modelo 615, com cinco lugares.

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—Salão de Exposição e Serviço, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA}—129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

k



PETROLEO **O** MILO GAZOLINA

SHELL

OS TREZ REIS MAGOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C. LTD.

LISBOA—PORTO—COIMBRA—FARO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871

ANO 4.º — NÚMERO 93

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

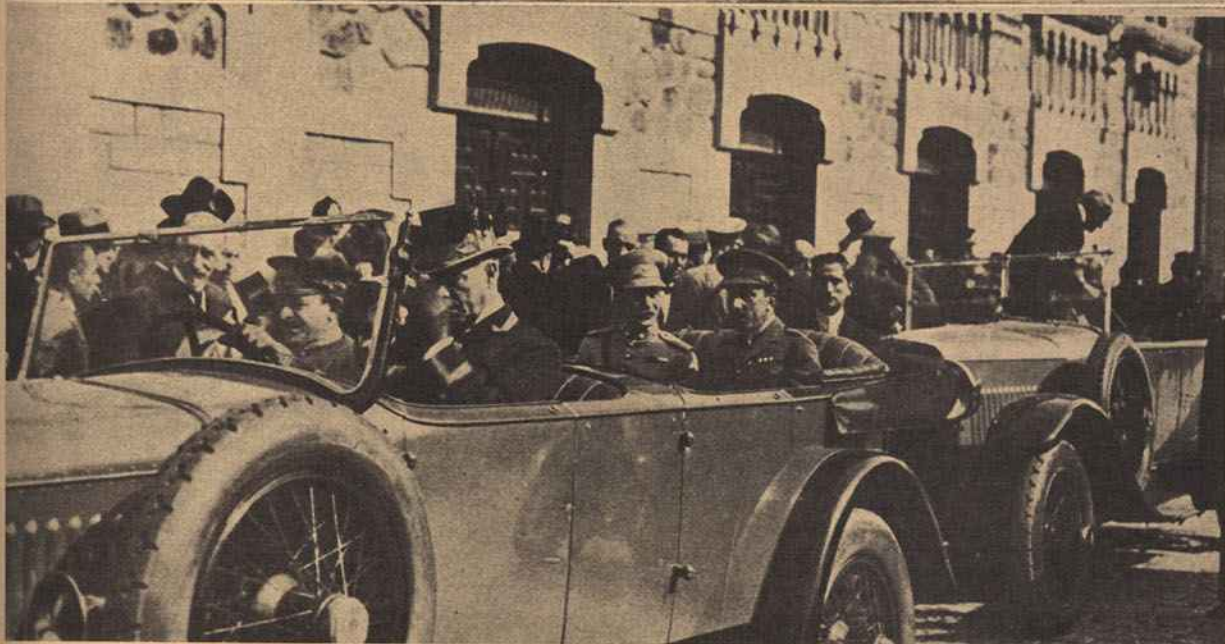
E
AILLAUD LTD.*

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

1 DE NOVEMBRO DE 1929



A VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA A MADRID. — DOIS MOMENTOS CULMINANTES DA ENTREVISTA DOS DOIS CHIEFS DE ESTADO DE ESPANHA E PORTUGAL EM FOTOS EXCLUSIVAS E ESPECIAIS PARA «ILUSTRAÇÃO». — EM CIMA: O MOMENTO SOLÊNE EM QUE O GENERAL CARMONA E EL-REI D. AFONSO XIII, AOS LADOS DE S. M. A RAINHA DE ESPANHA, APARECEM À JANELA NOROCCIDENTAL DO PALÁCIO REAL DE MADRID, RECEBENDO AS OVAÇÕES DO POVO MADRILENO. — EM BAIXO: UMA FOTO FLAGRANTE: EL-REI D. AFONSO XIII E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA NO AUTOMÓVEL QUE, DA ESTAÇÃO DE TOLEDO, OS CONDUZIU À VISITA DA CATEDRAL E OUTROS MONUMENTOS DA HISTÓRICA CIDADE

(Fotos Orriós)

CRÓNICA DA QUINZENA

Curioso e projectando, porventura, luz nova sobre mais dum acontecimento da história de Portugal é o *Récueil des Instructions*, dadas aos embaixadores e ministros de França na corte de Lisboa, publicado sob os auspícios da Comissão dos Arquivos Diplomáticos. Se alguém quiser fazer uma ideia do que é a diplomacia secreta lance o olhar sobre este livro. Embora Portugal deixe, a partir da segunda metade do século XVIII, de pesar na balança das nações, como observa Frederico o Grande, o seu favor político, comercial sobretudo, é disputado tenazmente por uns e outros governos estrangeiros, servindo-se para os seus fins de todos os meios, a intriga, os agentes recrutados, mediante pingues honorários, na melhor sociedade, a corrupção, o dolo, a astúcia, e mais processos subtis aconselhados no *Príncipe*. Certos destes emissários franceses levavam ordem de prometer tudo, contanto que ficasse aberta uma pequena e invisível porta falsa por onde se pudessem escapular ao cumprimento das obrigações contraídas. Todos serão previamente iludidos sobre a índole dos portugueses e o ministro não terá reboço em minutar de sua mão que é mister explorar-lhes a natural prosápia, contentar-lhes a imaginação e lisongear-lhes o amor próprio meridional segundo os termos do Richelieu.

«A manciã mais eficaz — dita Hugues de Lionne, ministro dos Negócios Estrangeiros, ao marquês de Saint Romain, enviado como embaixador a Portugal em 1666 — de atalhar as negociações com Espanha é soprar a vaidade dos portugueses — pois que este é o seu fraco — insinuando-lhes delicadamente que seria desluzte irreparável para eles, aos olhos das outras potências, se chegassem a negociar com a Espanha em condições que não fossem as do Estado para Estado e as de rei para rei, em postura de dependência ou subalternidade. Deverá fazer-lhes ver quanta glória não alcançaram perante o mundo na sua intransigente atitude adoptada para com a corte romana a quando do litígio da nomeação dos bispos e do direito que assiste aos portugueses de elegerem rei, em contra do que sucedia outrora, sem o prévio beneplácito papal... Por outro lado, como para os espanhóis seria mais doloroso que arrancar-lhes os dentes verem-se coagidos a rebaixar o orgulho e alto crédito da monarquia, tratando de igual para igual com um povo subdito rebelado, tudo leva a crer que tal pomo de discórdia, sendo habilmente jogado e aproveitado, poderá por si causar o rompimento das negociações ou, pelo menos, erger tais obstáculos à sua conclusão que, dado que é próprio dos negócios deste mundo não se conservarem por muito tempo no mesmo pé, qualquer incidente de nada pôde contribuir a que dêem em vasa-barris as boas intenções das duas partes». A moita é arresvada de forma mais subtil de pensamento. Tratava-se de impedir o tratado de paz entre as duas nações peninsulares a bem das armas de França, empenhadas contra Espanha na Catalunha e Países Baixos. Mas, além deste passo, a cada hora se ouvia a voz de *maitre renard*, meliflua capciosa, lisonjeira, ao ouvido do rei, da rainha, dos confesores do rei e da rainha, e corteãos influentes.

Nem sempre os portugueses escutarão até fim, com mesura e circunspecção, a palinódia farisaica. Basta que esteja à testa dos negócios um conde de Castelo Melhor para o

enviado de Mazarino, marquês de Chouppes, arquivar esta resposta altiva: «Sabemos muito bem o que temos a fazer e não precisamos dos conselhos da França para nada. A nossa resolução está assente; não lhe dêem cuidado os espanhóis; temos forças bastantes não só para lhes não deixar pôr o pé na nossa terra, mas para os levarmos cinquenta léguas diante de nós, a toque de caixa».

No Marquês de Pombal encontrará o cavaleiro de Clemont de Amboise um político de alta escola, avisado, culto, matreiro, para quem os ardis e tramas da diplomacia são leitura corrente e sabida. Injustos e por isso mesmo indículo certo da envergadura do marquês estes traços com que o duque de Choiseul o desenha para uso do plenipotenciário: «É um homem de carácter duro e imperioso. Deixou em Londres e em Viena reputação de criatura ordinária, sem nenhuma espécie de superioridade, e não consta que se tomasse de simpatia especial por alguma destas cortes. É certo, porém, que menos favoráveis são as suas disposições para com a França e a Espanha. Falso por índole, compraz-se no exercício do poder absoluto e arbitrário. Altivo por temperamento, não suporta a contradição, mas é susceptível à lisonja e às deferências que lhe testemunham, e sendo este o seu calcanhar de Aquiles, por aqui se deve tomar. O cavaleiro de Amboise pautará, em conformidade, as suas relações com o conde de Oeiras, evitando com o maior escrúpulo que chegue a suspeitar da desconfiança que temos sobrada razão para conceber sobre a lisura dos seus processos. De contrário, seria feri-lo na presunção e todo o nosso valimento iria pela água abaixo. Sejam quais forem os seus princípios de moral e as suas máximas em política, recomenda-se, a bem do serviço de el-rei e do êxito da missão do cavaleiro de Amboise, conciliar, se é possível, a amizade e confiança deste ministro, canal único e necessário pelo qual correm todos os negócios da corte de Lisboa».

Este rápido e grosseiríssimo perfil, a dar-se à linguagem diplomática a condigna interpretação, mostra bem o estôfo do primeiro ministro de D. José. O gabinete de Versalhes detestava-o porque, mais duma vez contra a França, teve de defender com denodo e até arrebato os interesses e brio de Portugal. Saint-Aymour, que fez a compilação destes documentos no Quai d'Orsay, comenta deste modo as referências menos lisonjeiras ao marquês: «A queda do grande ministro foi para Portugal o pior dos desastres; quando morreu aos oitenta e três anos podia dizer da sua terra o que o cardinal Alberoni disse da Espanha ao deixar o poder: Portugal é um cadáver que reanimai; desapareci, voltou a deitar-se no túmulo».

Um dos períodos da história de Portugal em que a intervenção de agentes franceses se torna notável é o que antecede a revolução de 1640. Desde 1629 que Richelieu prestava ouvido atento aos sobressaltos de Portugal. Por via de regra, os seus espões eram recru-

tados nas ordens religiosas, a capa de santidade presservando-os melhor que qualquer outro atavio da suspicácia dos portugueses. Em 1638 despacha aos nobres, que conjuravam em volta do duque de Bragança, o cavaleiro de Saint-Pé, o qual por sua vez delega noutro, não se sabe por que carga de água, a melindrosa embaixada. Nas instruções, que lhe foram dadas, dizia-se: «Veja se os portugueses estão resolvidos a revoltar-se ou não. Caso afirmativo, a França compromete-se a socorrê-los com um exército de doze mil homens de pé, quinhentos cavalos, quinhentos homens com selas, armas e pistolas, para equipar em terra portuguesa, e uma frota de cinquenta navios. A França nada exige em troca deste auxílio; as conquistas que se façam reverterão em benefício do rei. Quere assim o duque de Bragança? Se quere, quere; se não, manda-se aos portugueses um descendente dos seus últimos reis».

As hesitações do duque de Bragança começavam a enfiar não só Richelieu como os portugueses. Os conjurados falaram até em proclamar a República no molde da dos Países Baixos. Pinto Ribeiro, a quem mais tarde D. João IV havia de dizer: «Que pena eu tenho que sejas plebeu para te poder recomendar», mercê da sua palavra persuasiva, conseguiu dissuadi-los deste intento, argumentando, porventura, com as dificuldades em que iria esbarrar um regime tão pouco a gosto da Europa ferrenhamente monárquica. De longe, ao que transparece dos documentos publicados, mantinha Pinto Ribeiro entendimentos não só com o duque de Bragança mas com Richelieu, por intermédio dum certo Brouard, francês estabelecido com loja de joalheiro em Lisboa.

Na estranha odisséia de Casimiro da Polónia, irmão do rei Ladislau, querem os entusiastas de Richelieu ver a solicitude com que ele cuidava do problema de Portugal. Aquela personagem fantástica, que foi sucessivamente soldado, jesuíta, cardinal, general dos cossacos, rei da Polónia em seguida ao irmão, e que devia morrer amortalhado na túnica de monge, teve a velocidade de ir governar Portugal por conta de Felipe III. Seria chamado a este posto por confiança do rei de Espanha, feliz de encontrar no *condottiere*, pai para toda a obra, um príncipe de sangue, disposto a tirar em seu proveito um povo oprimido mas não resignado? Ignora-se. Os misteriosos projectos do aventureiro foram divulgados, tanto que a *Gazette de France* publicava ao tempo a informação seguinte: «O príncipe Casimiro partiu de Varsóvia a caminho de Viena, daqui seguirá, por Itália, para Espanha, onde espera ser nomeado vice-rei de Portugal».

Infelizmente para o aventureiro, Richelieu pôs-lhe espões à perna mal pisou o solo de França. Tendo-lhe dado na fantasia para visitar os portos de guerra, foi preso em nome do rei e encarcerado no castelo de Vincennes, onde descansou por longos meses, não obstante as súplicas, as ameaças, e a intervenção do mano, dos projectos ambiciosos. A essa altura murmurava-se pelas cortes da Europa que, havendo sido desligado Felipe IV das promessas feitas pelo avô ao subir ao trono português por uma assembleia de hábeis teólogos e casuístas complacentes, Portugal ia ser riscado da lista das nações e incorporado pura e simplesmente na monarchia espanhola.

AQUILINO RIBEIRO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O PRESIDENTE
DA REPÚBLICA
PORTUGUESA
VISITA OFICIALMENTE
A ESPANHA
E O SEU MONARCA



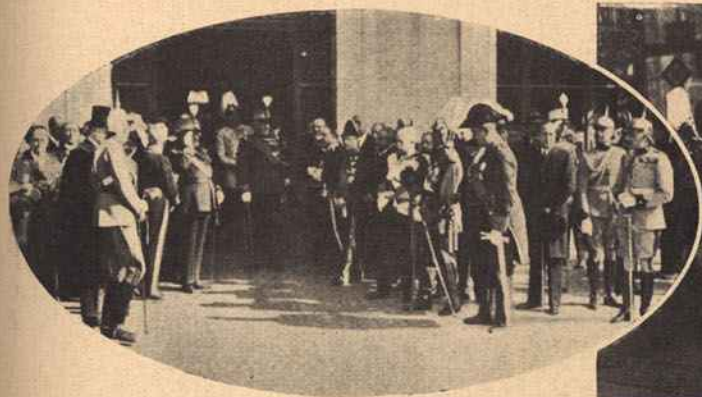
EM CIMA: — Ao passar a fronteira. O sr. Presidente Carmona com os seus ministros e sequito, ilustre embaixador de Portugal em Madrid, sr. Melo Barreto, e representantes do soberano espanhol que esperaram em Valência de Alcántara o nosso chefe de Estado.



A ESQUERDA: — O embaixador de Portugal e altas individualidades espanholas esperando, na estação de Valência de Alcántara, o comboio presidencial

(Fotos Serra Ribeiro)

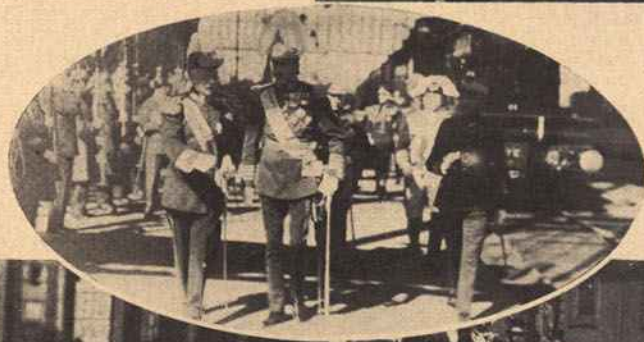
EM BAIXO: — El-rei D. Afonso XIII, Infantes de Espanha, Casa Militar, em continência à chegada do comboio presidencial a Madrid



NO OVAL, de cima:—Chegada à estação do Norte do general Primo de Rivera e ministros para receber o general Carmona

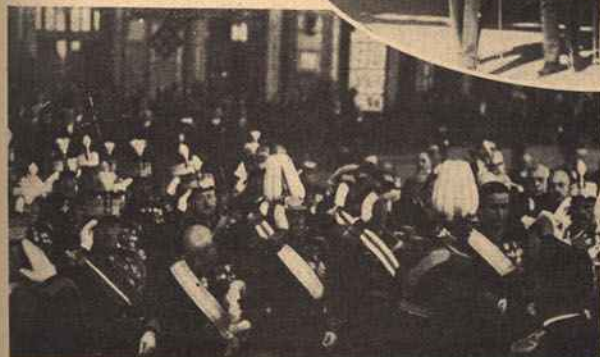
EM BAIXO: — S. M. El-Rei D. Afonso XIII fazendo as apresentações oficiais dos seus ministros ao Presidente Carmona

(Fotos Orrios especiais e exclusivas de «Ilustração»)



NO OVAL, do centro:—Um flagrante instantâneo dos primeiros momentos. O Presidente da República Portuguesa e o soberano espanhol atravessam a gare do Norte, passando revista à guarda de honra

EM BAIXO: — Após a saída da Estação. Os dois chefes de Estado, começam a receber as manifestações populares

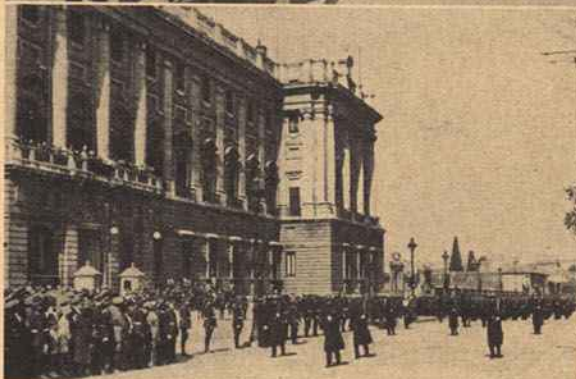




O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA EM MADRID

A ESQUERDA, em cima: — A carruagem à Grand-Daumont conduzindo Afonso XIII e o general Carmona, à chegada ao Palácio do Oriente

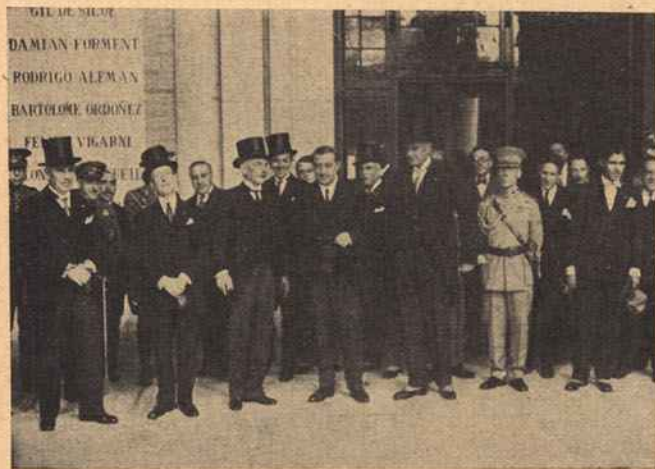
A ESQUERDA, em baixo: — Aspecto do desfile imponentíssimo das tropas ante o Palácio Real. Na varanda, os dois chefes de Estado
EM BAIXO: — Outro aspecto do desfile ante S. M. D. Afonso XIII e general Carmona

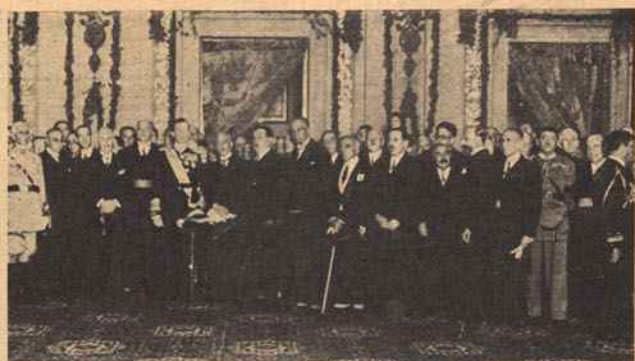


(Fotos Orrios)



NO OVAL: — Banquete celebrado na Secretaria dos Negócios Estrangeiros e oferecido pelo governo espanhol aos ministros portugueses. No primeiro plano, da esquerda para a direita: — Ministro da Economia, Ministro do Exército, general Primo de Rivera, general Ivens Ferraz, Ministro dos Estrangeiros de Portugal e ilustre Embaixador de Portugal em Madrid. — NO MEDALHÃO: O sr. general Carmona com o ministro espanhol da Instrução, Callejo, chegando ao Museu do Prado. — EM BAIXO, à esquerda: O Presidente da República Portuguesa e comitiva, à porta do Museu do Prado. — À DIREITA: O Presidente da República na sala Rubens do Prado



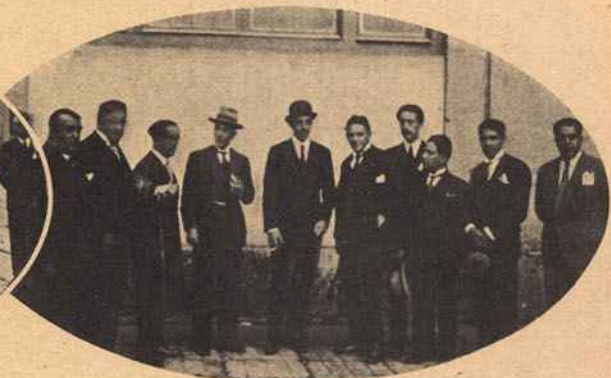


EM CIMA, à esquerda: — O Presidente Carmona recebe o grau de doutor «Honoris Causa» pelo colégio de Doctores de Madrid, no edifício do Senado. Vêem-se na foto os generais Carmona e Primo de Rivera, dr. Tormo, reitor da Universidade Central, o ministro da Instrução de Espanha, os ministros portugueses e o Embaixador de Portugal.

EM CIMA, à direita: — Recepção no Ayuntamiento de Madrid. À direita do Presidente Carmona, S. A. o infante D. Fernando e o alcaide de Madrid.



À ESQUERDA: — Recepção dada pelo Presidente da República Portuguesa, na Embaixada de Madrid, às personalidades oficiais e colônia portuguesa. No primeiro plano: General Domingos de Oliveira, chefe da casa militar do presidente, Ex.^{ma} Embaixatriz de Portugal, M.^{ma} de Melo Barreto, Presidente Carmona, general Ivens Ferraz chefe do Governo, ministro dos Negócios Estrangeiros, Embaixador de Portugal, Melo Barreto e conselheiro do Embaixador Mário do Nascimento.



VISITA AO ESCORIAL. — D. Afonso XIII servindo de cicero ao sr. general Carmona, na visita ao sumptuoso mosteiro.

El-Rei D. Afonso XIII e o Presidente da República Portuguesa, com os jornalistas portugueses e espanhóis, por ocasião da visita ao Escorial.



EM TOLEDO. — O soberano espanhol, o general Carmona com a comitiva e o cubido da Catedral de Toledo, saindo do templo.

Os dois chefes de Estado, em flagrante cordialidade, entrando num dos pórticos da Catedral de Toledo, quando da sua visita.

(Todas as fotos da nossa reportagem foram executadas expressamente pela Agência Orrios, para a Ilustração.)

A VISITA PRESIDENCIAL A ESPANHA



A ESQUERDA: — Visita a Toledo. A chegada à estação da velha e histórica cidade, S. M. El-Rei D. Afonso XIII e o Presidente da República Portuguesa, tomam o automóvel rial que os levará à visita da cidade.

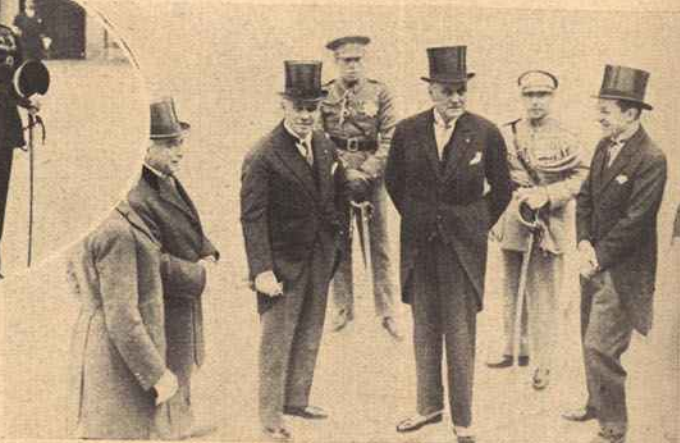


NO OVAL: — A saída de San Juan de Los Reyes, Toledo, o general Carmona troca impressões com o chefe do seu governo, enquanto o Rei de Espanha se adianta à comitiva.



NO OVAL: — Em Toledo, no Pátio da Academia Militar, o general Carmona acompanhado dos seus ministros e do comandante daquela escola.

A DIREITA: — Um flagrante instantâneo do presidente do conselho de ministros, general Ivens Ferraz e ministro dos Estrangeiros de Portugal.



Um grupo histórico tirado à porta da Academia Militar de Toledo. Os chefes de Estado de Portugal e Espanha, os seus séquitos, autoridades locais e jornalistas dos dois países, pousando obsequiosamente para *Ilustração*.

(Todas as nossas fotos são exclusivas e expressamente executadas pela Agência Orrios — Madrid.)

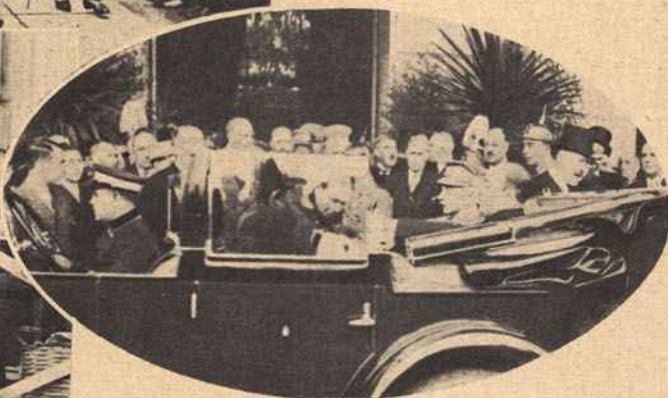
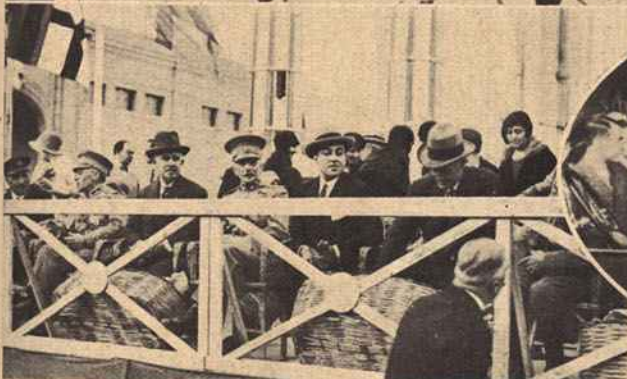
EM BARCELONA E SEVILHA



A ESQUERDA: — O sr. Presidente da República Portuguesa, em Barcelona, acompanhado do general Ivens Feraç, ministro dos Estrangeiros, comandante Fonseca Monteiro e o seu séquito, visita o *Pueblo Español* guiado pelas autoridades superiores de Barcelona — A entrada no *Pueblo*

EM BAIXO — A esquerda: — Presenciando a batalha de Bórces valencianas, no recinto da Exposição. O chefe de Estado português, o seu chefe de governo e altas autoridades espanholas

NO OVAL — Em baixo: — A chegada a Barcelona. O chefe de Estado português com o presidente do Ayuntamiento Barcelonés, toma lugar no automóvel que o há de conduzir ao hotel



EM BAIXO: — O sr. general Carmona, acompanhado pelo sr. Cruz Conde, comissário geral da Exposição, entra na Avenida de Portugal, em caminho do nosso pavilhão

NO MEDALHÃO DÁ ESQUERDA: — Em Sevilha. O sr. Presidente, á sua chegada á capital de Andaluza, rodado pelas autoridades locais

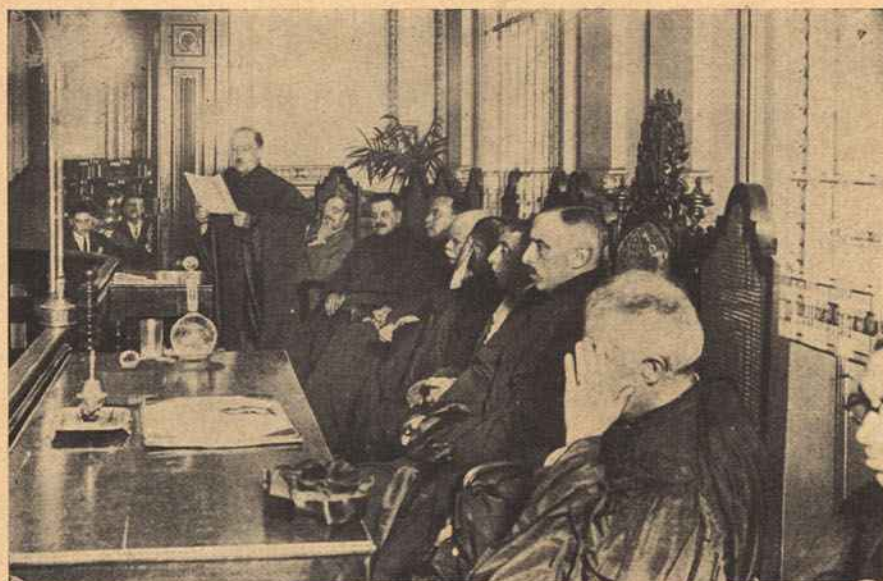


EM BAIXO — A esquerda: — A porta do pavilhão de Portugal. O sr. Presidente pouza para *Ilustração* entre o sr. Cruz Conde e o coronel Silveira e Castro, comissário do Pavilhão Português

NO MEDALHÃO — Em baixo: — Um instanteo flagrante do sr. general Carmona, em Sevilha, em cordialissima conversação com Primo de Rivera

(Fotos Orrios, exclusivas da «Ilustração»)





PELO NORTE DO PAÍS

Os acontecimentos do Norte do País, a parte mais populosa e irrequietamente activa de Portugal, merecem sempre à *Ilustração* um especial carinho. Do nosso fotógrafo correspondente no Pôrto, Alvaro Martins, publicamos hoje as seguintes interessantes fotos, exclusivamente executadas para esta revista.

A ESQUERDA: — A prestigiosa Universidade do Pôrto abriu o seu ano lectivo. A festa solene de abertura foi deveras imponente. A nossa foto representa o ilustre professor Taveira Gonçalves lendo a Oração de *sapientias*.
EM BAIXO: — Em La Guardia, (Galiza, Espanha), realizaram-se grandes festejos em homenagem ao consul de Portugal e ilustre aveirense Mário Duarte, muito querido naquela ridente cidade. A nossa foto representa os tradicionais *tamborileiros* com o seu gaiteiro, número típico das festas.



NO OVAL, de cima: — O consul de Portugal em La Guardia, Mário Duarte, (ao centro), presidindo ao desafio de *foot-ball*, número dos festejos que, em sua honra, se realizaram naquela cidade galega. A esquerda do homenageado está o dr. Alberto Souto, da Câmara de Aveiro e director do Museu Regional da mesma cidade.
NO OVAL, da direita: — Vista geral da cidade de La Guardia, onde se realizaram as festas a Mário Duarte.



NO OVAL, de cima: — Em S. João da Madeira inaugurou-se o telefone público. O sr. governador civil de Aveiro pedindo a primeira ligação para Lisboa, Presidência da República.

A ESQUERDA: — Aristocrático casamento realizado em Coimbra, na igreja da Rainha Santa Isabel. Os noivos, D. Maria Emília H. de Sá e Serpa e dr. Carlos Afonso Telo de Castro, médico em Vidigueira, com seus padrinhos e ilustres convidados, depois da cerimónia religiosa.



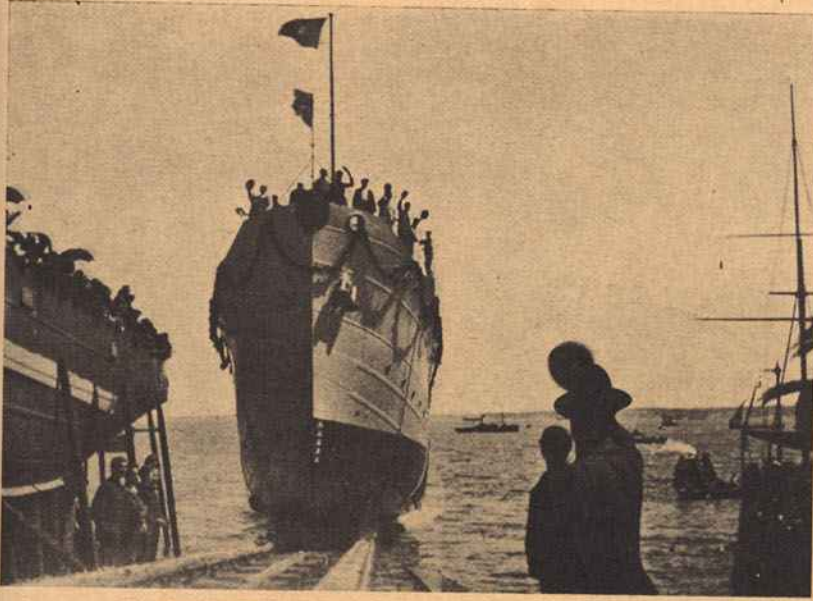
PEDRO PAULO RUBENS — Mercúrio e Argos

(MUSEU DO PRADO — MADRID)

ACTUALIDADES DA QUINZENA

A ESQUERDA: — A nova canhoneira «Dio» que há dias foi lançada ao mar no Arsenal de Lisboa, deslizando na carreira por entre os acordes da «Portuguesa» e as aclamações de uma enorme multidão.

(Foto Maurício de Oliveira).



O tenor português Alves da Silva que acaba de debutar no Teatro Politeama Rossetti, de Trieste, como primeira figura da Companhia Ercole Casali, obtendo um grande triunfo na parte de Don Alvaro de «A força do Destino», e a consagração dos seus méritos já largamente evidenciados entre nós. (Foto Brasil).

No Pôrto, o ilustre escritor e director da Escola Industrial de Faria Guimarães, sr. Emanuel Ribeiro, promoveu, com as suas colecções particulares e alguns exemplares do Museu Portuense, uma admirável exposição etnográfica de arte popular — trajes, cerâmica, mobiliário, bordados e rendas, ourivesaria, ferraria, gravura, folclore, etc. — que tem sido visitadíssima e muito felicitado o seu organizador.

NO MEDALHÃO: — Busto do Professor Emanuel Ribeiro, por António da Costa.

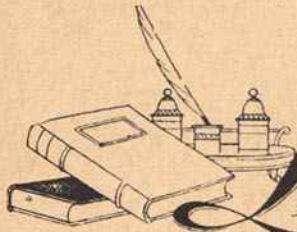
NO OVAL: — Aspecto duma das salas da exposição.



EM VALENCINA (SEVILHA). — A famosa romaria da «Virgem de la Estrella» ao histórico Santuário de Torrijos é uma das festas religiosas mais pitorescas da Andaluzia. As nossas fotos representam, em cima, o andor da Virgem levado num carro de bois e acolitado pelas figuras mais graúdas da terra, e em baixo, à direita, a Irmandade, a cavalo, vestindo os seus típicos trajes andalizes, acompanhando a romaria, precedida dum tocador de tambor e levando os seus pendões ricamente bordados.

(Fotos Olmedo, exclusivas de «Ilustração»).





Livros e Escritores

OS QUE SE DIVERTEM — por LUZIA — Crônicas irônicas — desenhos de Bernardo Marques — 3.^a edição.

Terceira edição de um livro de crônicas assinado por uma senhora, nesta terra em que, após a morte de D. Maria Amália, tão poucas senhoras se podem ler, fora das cartas de namôro, é caso para atrair a atenção do crítico e obrigá-lo a ler e reler o livro assim premiado pela distinção do público, buscando se o seu êxito não provirá melhor das relações da autora ou do ambiente de favor, do que do valor mesmo da obra. E por muito que o crítico seja abertamente hóstil a tôdas as *bas-bleus* e esteja justamente desconfiado da fartura, tem que se render ante êste volume formosíssimo que honra a responsabilidade da dedicatória.

Comentadas agradavelmente por Marques, desfila ante nossos olhos surpresos uma teoria longa de pequenas aguarelas maliciosas onde há sempre engenho, muitas vezes brilho de verdade e não raro pinceladas quasi a roçar pelo gênio, de tão justas na flagrância. Luzia está muito acima da grande maioria das nossas escritoras e dos nossos escritores que muitos há que não valem um dos tacões fidalgos dos seus sapatos que, por bom gôsto, nunca revestem e protegem um *bas-bleu!*...

ESPAÑA VISTA OTRA VEZ — Impressões de arte — por MARTIN S. NOEL — Editorial España, Madrid — 10 pesetas.

O ilustre architecto argentino, Martin Noel,



Norberto Lopes

ausente quatorze anos da sua pátria espiritual, a grande Espanha, volta a ela para construir, em Sevilla, o formosíssimo pavilhão do seu país. Volta, vê uma Espanha nova e fica maravilhado. A sua alma de artista vibra de uma forma insólita, de ternura renovada, de espanto e carinho. E o artista plasma num livro a sua emoção. É portanto um livro entusiástico, verdadeiramente formoso pelo pensamento que o orienta e pela realização, bem como pelo aspecto altamente artístico da edição, uma magnificência, com belos desenhos de Juan Miguel Sanchez. Um regalo para bibliófilos.

MANHATAM TRANSFER — Novela interseccionista — por JOHN DOS PASSOS — Editorial Cenit, Madrid — 6 pesetas.

O autor de «Manhattan Transfer» é português, mas é desconhecido em Portugal embora êste seu livro seja célebre no mundo inteiro. E a sua celebridade é inteiramente merecida. É um livro raro, bizarro, estranho, muito estranho mesmo. O autor fez o mapa sensacionista da América moderna, dos seus ridículos e grandezas e misérias e genialidades. Tôda a sua vida social passa, numa vertigem, de cima a baixo, em «Manhattan Transfer».

Mas John dos Passos não quis fazer uma novela de talhe clássico. Sente-se nela a influência do cinema de vanguarda e do jazz, da música sincopada e do interseccionismo, inspirando uma sensibilidade hiperestésica. As scenas curtas, relampagueantes, baralham-se, misturam-se, dando uma macabra sinfonia entrecortada como uma sarabanda de soluços, dando-nos, no fim da bela obra, não a sensação de uma sequência de scenas mas de um enorme fresco, «Manhattan Transfer» em que, simultaneamente, estão tôdas as scenas do livro numa reconstituição palpitante de vida e estuante de talento. Por isso êste livro é um dos mais belos das letras modernas e até, para quem resista, por rotina, ao processo de dos Passos e analise apenas quadro por quadro, um manancial inesgotável de sensações e interpretações literárias, um desfile

magnífico de imagens felizes, pitorescas e inéditas que, pelo menos, asseguram ao autor uma série de futuros plágios como só desabam sobre as grandes obras incontestáveis.

VIAGEM MARAVILHOSA — Contos para crianças, por NORBERTO LOPES — Biblioteca dos pequeninos — Lisboa.

Jornalista a valer e escritor de sensibilidade apurada, Norberto Lopes é um valor de relevo no nosso meio. Em quantos gêneros literários tem tentado marca o seu lugar inconfundivelmente. Faltava-lhe tentar o difficilissimo género da literatura infantil, para ali tão deturpado por literatelhos de má morte e damas de *mitaines* e combe-lhe a elaboração do número 22 da *Coleção dos Pequeninos*. O valoroso artista enfrentou, corajosamente, as difficuldades tôdas que lhe surgiram e deu-lhes aberto combate. Escolheu um tema magnífico de difficuldade e venceu-o brilhantemente. «A viagem maravilhosa» é a viagem aérea de Coutinho e Cabral ao Brasil, rodeada de fantásticas scenas próprias para seduzir a imaginação infantil e Norberto Lopes conta-a com uma graça e uma sensibilidade tão singela que dá vontade de ser pequenino para mais profundamente se ser tocado por aquela graça... O seu livro é do melhor que existe no género e sob o ponto de vista educativo e nacional, merecia uma galardão official e um louvor público. O livrinho, que Emérico Nunes ilustrou deliciosamente, é um acerto editorial e terá mais altos resultados na



Martin S. Noel



Juan José Domenchina

educação cívica das nossas crianças do que um cento de compêndios a abarrotar de conceitos e patéticos... como é de uso!... O meu exemplar, levei-o a correr à minha filha e ela já quis que lho lessem duas vezes!

AS QUATRO ESTAÇÕES — Contos infantis por MARIA DE CARVALHO — Biblioteca dos pequeninos — Lisboa.

Outro número, o seguinte, da mesma colecção, devido à pena duma senhora que há muito labuta e porfia nas letras.

Manda a verdade que se diga que, se, a espaços o voluminho pode interessar os pequeninos leitores, outras vezes a prosa aparece recheada de moralismos enfáticos e locuções aliteradas que devem ser absolutamente indigestas aos cerebrosinhos a que estas histórias são destinadas. Não menos verdade é que, depois do livrinho de Norberto Lopes, mal vem quem venha, sofrendo da comparação. É como nos desenhos!... Que inferiores êstes são aos outros... Mas, no fundo, é obra bem intencionada e que não desfaz nos méritos dos autores.

TÉNICA DE NESSUS — Novela humorística de JUAN JOSÉ DOMENCHINA — Editorial Rivadeneira, Madrid — 5 pesetas.

Esta novela, segundo me parece, foi erradamente incluída na colecção de novelas humorísticas. Se há humorismo na novela de Domenchina êle é, apenas exterior, brotando de uma ou outra situação, essas mesmas, no fundo, de um ridículo doloroso e confrangedor. No demais, a «Ténica de Nessus» é um estudo, com ressaibos freudianos, da vida triste dum nevrópata estranho, alguma coisa que lembra as dissecações mórbidas de Joris Karl Huysmans com quem êste autor tem parentesco espiritual, até na tendência para certas evocações mórbidas e desnecessárias na sua bela novela. A forma é epiléptica como a essência do livro, como o pobre fantoche que ocupa o centro do sombrio quadro. E na forma há, por vezes uns laivos que lembram, desgraçadamente, o estilo (?) de Gomes de La Serna, se êle tivesse, é claro, o talento que, de verdade tem Juan José Domenchina...

EL VIAJE A ESPAÑA (Andalucía e Extremadura) — por FREDERICO GARCIA SANCHIS — Libreria Fernando Fe, Madrid — 6 pesetas.

O autor dêste livro magnificamente simples e encantador, é uma personalidade ímpar no meio intelectual peninsular. Garcia Sanchiz, que em breve visitará demoradamente o nosso país, é um criador de original recorte. A sua fluência de escritor fêz-lhe sentir a volúpia da oratória e ei-lo que cria, com uma audácia enorme logo sancionada pela admiração geral, as palestras que intitula «Charlas líricas» e com as quais consegue êste fenómeno formidável; encher a abarrotar os teatros, para o ouvir divagar num tom ameno e frívolo, de público espanhol que é, como todos os públicos, refractário em extremo a deixar-se massar por essa pavorosa seca que é a conferência. Sanchiz, sabendo isso, fugiu à conferência e criou alguma coisa de novo; a «Charla lírica» que é como um raro acepipe de doçaria, cheio de fiorituras de assucar, com laivos aromáticos de baunilha, prodígio de côr e arquitectura, ao lado duma indigesta feijoada negra, succulenta mas intragável. Os sucessos de Garcia Sanchiz nas suas charlas ou conversações públicas aumentam dia a dia



Frederico Garcia Sanchiz, desenho caricatural de Frestro

e vão dar-se fóra de Espanha, decerto, com a mesma justiça. Entretanto o fino artista, de invulgar sensibilidade, não deixa de escrever belos livros, alados e frescos que são como que outras charlas perpetuadas pela imprensa. Assim é êste livro, duma singular amenidade, delicioso guia para quem se quiser deixar levar a ver a Espanha na companhia dum amigo tão simpático e tão artista como Frederico Garcia Sanchiz.

HISTÓRIA DE PORTUGAL — por ANTÓNIO SÉRGIO DE SOUSA — Colecção Labor (Tradução espanhola) — Barcelona.

Honrou-se a magnífica colecção Labor, dando a António Sérgio a honra de figurar entre os seus autores escolhidos, com a sua História de Portugal. Nada há a dizer da obra pois já está assente e com justiça, que ela é verdadeiramente magnífica. É grato apenas notificar a sua aparição em língua espanhola e em tão bela edição como a que temos presente, ornada de formosas estampas e impressa em papel magnífico. Atribuímos largos efeitos de inter-câmbio e de muito conhecimento à publicação dêste livro bom sem favor. Apenas desejávamos que o catedrático que escreven o prólogo e traduziu à sua maneira o livrinho, tivesse cuidado da tradução de preferência a meter-se a criticar a política interna do nosso país que, boa ou má, só a nós diz respeito e que António Sérgio tem o direito de criticar como português mas que tem que ser absolutamente sagrada para estrangeiros. E vai isto apenas à conta de defender António Sérgio de qualquer que o acuse de ter inspirado êsse prólogo, porque o autor dêste bel livro é



António Sérgio

um português às direitas e um português da solvência moral precisa para não dar homem por si... e em especial sendo êsse homem um estrangeiro.

REVISTAS E PUBLICAÇÕES

ALMANACH BERTRAND PARA 1930 — Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa — 10\$000.

Todos os editores e jornalistas sabem, perfeitamente, qual é a íntima tragédia de tôdas as publicações periódicas. Por muito êxito que elas alcancem, por muito que seja elevado o grau de perfeição da sua factura, raro é, pelo menos em Portugal, que o público, mais tarde ou mais cedo, inexplicavelmente, se não desinteresse dela, abandonando-a, por outra qualquer, ou, sem a substituir, deixando-a morrer ingloriamente. Assim se explica que tenham morrido em Portugal dezenas de boas revistas e publicações periódicas. Há porém excepções. Temos presente a mais notável: O *Almanach Bertrand* mantém há 32 anos, o mesmo successo do seu primeiro número, aparecendo regularmente para as bandas do fim do ano e sendo avaramente disputado pelos seus amigos e colecionadores que vão, ao que se vê, iludindo os anos ou transmitindo o seu carinho de geração em geração. O fenómeno tem, decerto, explicação. A criação do *Almanach* e a sua direcção durante muitos anos, são obra de um grande polígrafo desaparecido, Fernandes Costa que era o dirigente ideal para uma empresa destas e que deixou em sua filha e nossa ilustre colaboradora, D. Maria Fernandes Costa, uma sucessora digna dêle. Por isso o *Almanach Bertrand* conserva a sua tradição sólida de verdadeira enciclopédia das famílias portuguesas, melhorando porém incessantemente, sobretudo no aspecto gráfico. Êste número, destinado a 1930, não pode exceder-se de perfeição. Milhares de gravuras excelentes e uma colaboração em que avultam os mais eminentes nomes das nossas letras, tornam-no numa obra de valor enorme e que justamente deve conquistar o aprêço geral.

REVISTA PORTUGUESA DE COMUNICAÇÕES. — LISBOA.

Uma grande obra de construção é a desta publicação de carácter técnico. Congrega esta revista no seu corpo de colaboradores nomes tão eminentes nas suas especialidades como de limpa personalidade moral, que expõem com sapiência e desassombro o muito que há a tratar neste ramo de divulgação. O resultado não podia ser senão êste: uma bela revista que sabe o fim que persegue e que o alcança certamente para bem de todos.

«O VOLANTE» — LISBOA.

Ê a revista ideal do automobilismo e do motor. Larga informação estrangeira, magníficas reportagens nacionais, artigos técnicos e de vulgarização, uma digressão por todos os desportos mecânicos, copiosas e boas gravuras, cuidada apresentação, uma multidão de indicações, roteiros, mapas e advertências úteis, fazem dêste *Volante* o volante seguro, o mais seguro, de qualquer automobilista que se prese. E esta é a razão do êxito magnífico da excelente publicação.

J. S. F.

O outono passou na minha rua

A minha rua é o espelho de mim. Quando eu estou triste as mulheres que passam na minha rua vão todas a caminho do ágio deixar roupas do bragal; os homens são operários sem trabalho; as crianças andam todas com frio, ou estão doentes, ou morreram a mãe. Quando eu estou triste, os gatos da minha rua têm sarna e estão em jejum.

Se estou alegre, o cenário muda. As mulheres que trazem um embrulho ou foram desempenhar ou vêm da loja, os homens vão aos seus negócios, os petizes estão à espera da madrinha e até para os gatos é sempre o primeiro mês do ano.

Quando não estou alegre nem triste a rua deixa de ser minha e eu não moro lá porque é a rua de toda a gente.

Por isso a minha rua não é triste nem feia. Embaideirada de fraldas, sonora de vagidos e prêgões, estreitinha e suja, a minha rua é, como todas onde se mora, o pórtico de abrigo, a doca onde recolhemos o cadáver quando ele não é preciso para os outros e tem a liberdade de ser nosso hóspede por umas horas.

Hoje, na minha rua, cheira a outono. O cheiro adocicado de maçãs de forno, que duas raparigas conduzem numa giga redonda com uma lanterna acesa no meio. A luzinha vai caminhando e a voz delas canta:

— Ricas péras ou maçãs...

O prêgão é triste e arrasta-se nas últimas notas como um farrapo de névoa precoce pelos esconsores dum vale.

A música do prêgão evoca horas íntimas e doces, recorda noites de antanho vividas por-

tas a dentro, num cochêgo sófrego de mais frio, de mais neve, de rangidos de árvores atormentadas, de rufos de bâtegas furiosas, de carreiras de socos fugitivos batendo as pedras do eido e chapinhando a lama das regueiras.

E então a minha rua deixa de ser ela. Foge as casas, o mosaico do empedrado desdenta-se, o horizonte alarga-se, estendem-se colinas a perder de vista e a minha janela é num eirado, o meu quarto é num palácio e eu revivo a vida velha dos primeiros anos, são e perfumada como o cheiro das maçãs que vem lá de baixo, do pego escuro, a lembrar o ritmo perdido das horas que não voltam...

— Cá estão péras ou maçãs...

Fecho a janela e acendo a lâmpada. A luz salta na bombilha como um piparote do progresso no castelo de cartas do meu sonho e a minha rua volta a ser ela. O meu quarto é o meu quarto. Um retanguloso calvo de móveis, sarapintado de ramagens, húmido e frio como uma coisa que a minha presença não basta para aquecer e o meu bafo não chega para enxugar.

Atiro-me para cima da cama e abro um livro. Leio meia página e fecho-o. É estúpido e falso. Um literato, um grilheta dá forma a enredar frases para dizer que a vida é má, que o mundo é falso, que as mulheres mentem... Como se a gente não soubesse isso. Sem adjectivos e sem metáforas... Parvo! Embrulho-me na roupa, fecho a corrente e quero dormir.

— «Assadas no forno...»

E o prêgão, tornado longínquo pela vidraça corrida, lembra o fogo, evoca as labaredas e eu vejo a bocarra hiante dum forno, gulosa de lenha a enrubescer-se pouco a pouco e a sacudir clarões que chicoteiam as sombras e fazem bailar às coisas uma dança endemoninhada e convulsa.

No meu quarto, agora, não faz escuro e não há frio. Cheira a pão. A velha Maximiana, há trinta anos defunta, está ali a dispôr os merendeiros na pá enfarinhada. O meu é aquele que tem uma cruz aberta com dois golpes... Ao lado, esperando a vez, está o taboleiro com as maçãs... Amanhã é dia de S. Silvestre e é preciso enganar com risos,

do pátio, se a taboleta da taberna defronte, se as vidraças da minha janela, pouco seguras nos lemes ferrugentos.

A percepção das coisas vai fugindo, vai diluindo-se numa ausência completa de ruídos, as pálpebras descem, aquiescendo a tudo, até àquela modorra do pensamento, dulcíssima e apeteçada como um Nirvana misterioso. Eu sinto que não sou, mas não tenho uma palavra nem uma ideia completa, nem uma forma de explicar a mim mesmo aquela razão do meu não ser. Há na confusão do meu intelecto uma névoa suspensa que afinal deve ser o meu consciente a libertar-se do meu crâneo, sem esforço e sem saudade.

O sono vai tocar-me definitivamente com a sua varinha narcótica. O colchão de palha de milho calcado, por muitos meses, do meu péso, deixa aflorar coisas duras que me magoam. O cobertor de papa arranha-me o pescoço com os fios ásperos da lã, o quarto cheira a baú alheio, ao bafio dos outros, à roupa antecedente dos outros.

Se eu dormisse! Assim como quem se atira de mergulho para o nada surdo-mudo, e não vê, não pensa, não sente, nem mesmo tem a noção do não ver, do não pensar, do não sentir. De repente, lá do fundo da calçada, como se fosse a voz das pedras, o prêgão canta:

— Ricas péras ou maçãs...

Abro os olhos estonteado, mas cerro-os definitivamente, quando a voz ralenta num murmúrio:

—...assadas no forno.

Não, a minha rua não é triste, quando estou a dormir.

CASTELO
DE
MORAIS.



com pão fresco e frutas doces o espectro do ano velho, para que não volte ao mundo como alma penada a embruxar o outro...

Agora, no meu quarto, não faz frio e eu vou adormecendo pouco a pouco, devagarinho, como um petiz a quem cantam a balada do Conde Nino.

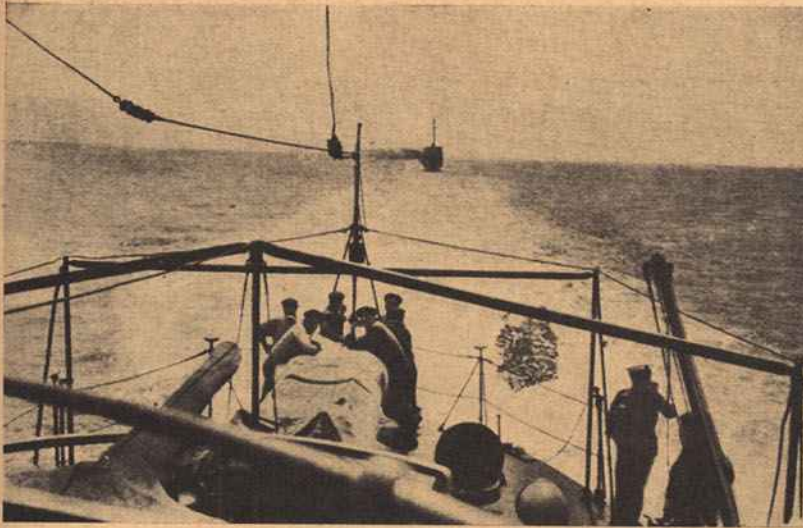
Sinto ranger e eu não sei se são as árvores

MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

INQUERITO AO SEU ESTADO ACTUAL E ÀS SUAS NECESSIDADES MAIS URGENTES

III

OS CONTRA-TORPEDEIROS



Contra-torpedeiros navegando em coluna

O contra-torpedeiro de grande tonelagem e raio de acção é hoje considerado como navio-capital em qualquer armada.

As grandes potências, e mesmo algumas de segunda ordem, estudam ainda no momento presente, as alterações e melhoramentos a introduzir nestes tipos de navios, fazendo deles tanto quanto possível pequenos cruzadores.

Vemos assim a França com unidades ligeiras destes tipos, deslocando até 2.500 toneladas, e esta política naval obedece a uma inteligente política económica: possuir navios que reúnam as qualidades de pequenos cruzadores ligeiros sem contudo fazerem pesar no orçamento as verbas que esses navios consomem.

A Espanha possui já hoje também unidades de flotilha, deslocando entre 1.450 e 1.100 toneladas, com 36 nós de velocidade horária.

É uma política universal, a dos grandes contra-torpedeiros.

O nosso país dispõe hoje de uma pequena flotilha de contra-torpedeiros constituída por três unidades, que deslocam cerca de 650 toneladas, com uma velocidade máxima horária de 24 a 25 nós.

Esta força naval, com um raio de acção que não lhe permite ir além do arquipélago da Madeira, sem novo reabastecimento, não pode na guerra moderna constituir um elemento de confiança.

Além disso, os nossos contra-torpedeiros são unidades cansadas durante bastantes anos de serviço como facilmente se pode verificar pelo quadro seguinte:

Contra-torpedeiro «Guadiana», lançado ao mar em 1911.

Contra-torpedeiro «Vouga», lançado ao mar em 1919.

Contra-torpedeiro «Tâmega», lançado ao mar em 1922.

Em reparações sucessivas os nossos contra-torpedeiros gastaram já as verbas que constam do quadro seguinte:

«Guadiana» — 4.207.000\$00.

«Vouga» — 613.000\$00.

«Tâmega» — 308.000\$00.

O «Guadiana», o mais antigo de todos, vai novamente sobrecarregar o Estado com um pesado encargo: as reparações das avarias sofridas quando da explosão no rio Douro.

E assim uns após outros, os nossos barcos de guerra, longe de poderem desempenhar com eficiência as comissões que lhes são destinadas, sofrem sucessivas e demoradas reparações, que não conseguem nunca destruir os efeitos do serviço e da antiguidade de modelos.

Nós, os portugueses, nação marítimo-colonial, não podemos nem devemos descurar a criação e manutenção de uma esquadra ligeira de grande raio de acção e capaz de se transportar sem dificuldade aos nossos domínios ultramarinos, mesmo os mais longínquos.

E contudo assistimos quasi indiferentes à derrocada silenciosa mas completa do nosso reduzido poder naval!

Em todas as armadas há navios com história e navios novos, que o andar dos tempos não celebrou ainda.

Em Portugal dá-se o mesmo.

Dos nossos três contra-torpedeiros dois têm história: o «Guadiana» e o «Vouga».

Qualquer deles desempenhou já comissões de serviço de grande importância: o primeiro em tempo de guerra, o segundo durante a paz.

A vida destes dois barcos merece, pois, uma referência especial.

O «Guadiana» foi lançado ao mar pelo antigo Presidente da República e venerando cidadão sr. dr. Manuel de Arriaga, que no momento do impulso inicial disse:

«Vai! Que no desempenho da difícil mas honrosa missão que te está confiada possas sempre defender a Pátria e prestigiar a República!»

E o navio deslizou pela carreira por entre os acordos da «Portuguesa» e os «vivas» da multidão.

Durante a Grande Guerra o «Guadiana» comboiou alguns transportes de tropas para França, fazendo também inúmeros cruzeiros no mar da Madeira.

O período da guerra cansou-o bastante e daí para cá, mesmo após as reparações sofridas em Itália, o navio nem sempre tem provado de maneira satisfatória.

Mais tarde, nas manobras navais de 1925, o «Guadiana» não podendo suportar o período completo dos exercícios, regressou a Lisboa rebocado pelo navio de pronto-socorro «Patrão Lopes».

O «Vouga» foi lançado pelo antigo Chefe do Estado e ilustre republicano, sr. dr. António José de Almeida, que depois ofereceu para a câmara dos oficiais uma fotografia com o seguinte autógrafo: «Ao «Vouga» com os votos por muitas felicidades. — António José de Almeida».

Esta fotografia está colocada no lugar de honra da casa-de-jantar, porquanto faz parte da história do navio.

O «Vouga» não tomou parte na guerra.

A sua acção tem-se limitado ao tempo de paz. Conduziu de Itália para Lisboa a urna contendo os restos mortais do Infante D. Afonso. Foi uma viagem acidentada que algumas tempestades violentas interromperam bastas vezes, chegando a recicar-se pela sorte do barco.

Eis em poucas palavras uma resenha da vida destes dois navios que à Pátria prestaram já relevantes serviços, mas que muitos mais não poderão talvez prestar porque a acção do tempo, que já se está fazendo sentir, não tardará a aniquilá-los por completo.

Apenas o «Tâmega» tem na sua frente uma vida mais ou menos longa: nove a dez anos talvez.

No próximo número occuparmo-nos-hemos dos torpedeiros.

MAURICIO DE OLIVEIRA.



Contra-torpedeiros navegando em noite de luar



O contra-torpedeiro «Vouga», navegando

UMA COMPEN-
SAÇÃO...

O
TEATRO
LATINO
EM
INGLA-
TERRA



Maurice Brown
no papel de «Homem»
na versão inglesa
da peça
de Paul Raynal



Uma scena de «The Unknown Soldier»
na versão inglesa de
«Le Tombeau sous
l'Arc du Triomphe»

Os dramaturgos saxões que, à excepção de Wilde, Pinero e Shaw, um génio, um latino de origem e um mefisto irlandês, não tinham ainda passado as fronteiras da sua língua, ameaçam a invasão da



Uma expressão de tragédia,
Rosilinde Fuller no drama
de Raynal



queremos arquivar nestas páginas fotos de duas obras teatrais, na sua versão inglesa, que re-

AO CENTENÁRIO: — Horace
Hodges, grande
brilhante no protagonismo
de «O Centenário»



Uma scena de «O Centenário»
Horace Hodges e Angela Biddleley
no papel criado em Portugal por Stiehm

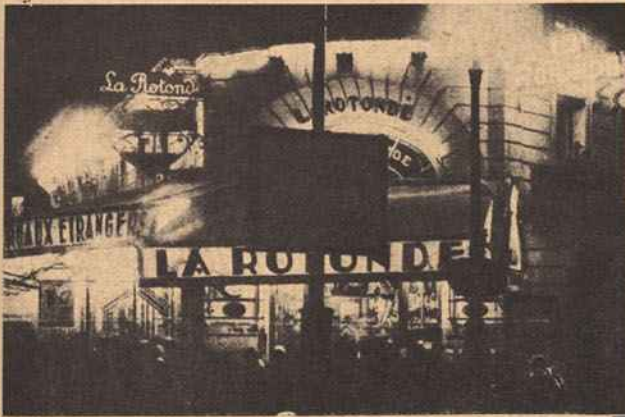


Angela Biddleley, por sua
vez, com John Stiehm
em «O Centenário»

Europa e sobretudo dos países latinos, a maior parte das vezes com peças desconchavadas e idiotas. A este fenómeno vamos referir-nos em breve e com a devida tenção que o caso pede, mas antes

presentam os sucessos máximos da season londrina. São ambas nossas conhecidas; uma, de Paul Raynal, é a célebre «Le Tombeau sous l'Arc du Triomphe», que Alexandre criou na Comédie. A outra, delicado «clave» andaluz, é o «Centenário» dos Quintero.

MONTPARNASSE



A ESQUERDA: — O farol gigante da «Rotonde» guiando o novato ao coração de Montmartre...

UM MUNDO NOVÍSSIMO ENCRAVADO NO CORAÇÃO DO MUNDO VELHO

fumos dum café tomado num gabinete da minúscula Rotonde, Fujita, esfarrapado, com os

Há dois Montparnasse. O primeiro, traduzamos, o Monte Parnaso da Grécia, é uma montanha negra sob o céu maravilhoso. Pertence à mitologia e à agência Cook. O segundo, que só se não traduz por snobismo, o segundo Monte Parnaso, residência de outras musas diferentes, é em Paris, na margem esquerda, e é uma maravilha de luz num céu negro de noite. É o novo Eldorado dos fabricantes de bebidas, é a Méca dos artistas, o ponto de reunião dos «snobs» e a atracção com que sonham os burgueses privados do prazer orgiástico que o seu «libido» lhes pede ardentemente, estrangulado no espartilho da decência.

Lenine e Trotzki meditaram a sua espantosa revolução sobre os

A DIREITA: — «La Coupole», há anos um obscuro café de bairro, é hoje um novo templo da orgia montparnassiana...



dedos de fora das alpargatas, Picasso, Metzinger, Fernand Léger, os nossos Sá Carneiro e Sousa Cardoso, conspirando a revolta cubista, todos por ali passaram. E os caprichos da fortuna por ali adejam também. Um pintor faminto aparece, de repente, guiando o seu «Hispano-Suiza», um café sebento aparece, de subito, das dimensões do Trocadéro... Ali é a nova e fantasmagórica Babel, miscelanea espantosa de raças, a mais completa colecção de fenómenos, de génios e falhados, de maníacos, de viciosos, de originais e de parvos, de parasitas e nabobos!... Tudo excelentes pretextos para a literatura e que esta não tem desperdiçado!... E no entanto, Montparnasse não tem explicação, interpretação literária... Não é, nem o umbigo do universo artístico, nem um asilo de monstros alienados, nem Gomorra nem Sodoma. É talvez um pouco disto tudo mas numa dosagem subtil... Montparnasse não se explica... Sente-se... É uma tentação imediata e tenaz que se inicia ao primeiro crepitar dos seus anúncios luminosos, que gritam nomes que vibram, no som e na luz de mercúrio: *Dôme... Coupole... Rotonde...* E neste espantoso cenário todos os ritmos normais da vida parecem revolvidos, precipitados. Ali, nalgumas semanas, realiza-se o milagre que a selva africana leva dez anos a realizar... Vêde um colono dos trópicos... passados dois lustros, deixou de ser outra coisa que não seja... africana!... Vêde um habitante chinês de Montmartre... Em quatro semanas deixou de ser um oriental... pertence a êsse novíssimo país... é... um Montparnassiano puro!...

EM CIMA: — Fujita, o genial pintor japonês, deixou as alpargatas rôtas há dois anos, se tanto... e é já milionário!...

A ESQUERDA: — Alguns artistas de Montmartre buscam a originalidade... e então tornam a pintar com modelos o que, para a fauna dominante, é o cumulo da bôlha...



UMA CRUZ NO MONTE DE SATURNO...

A MORTE DE M. BAYLE HAVIA SIDO PREDITA?

O ocultismo tem os seus crentes e os seus iniciados. Há por esse mundo sociedades, grupos, agências onde se pesa o futuro como se pescam pérolas no mar de Ceilão. Não existe um homem célebre a quem os astrólogos e cartomantes não tenham formado um *dossier* oculto, onde vem registando quasi dia a dia, as concordâncias ou discordâncias dos horoscopos e a verdade dos factos.

Como é de prever, isso tinha acontecido ao Chefe de Serviços de Identificação Judicial francezes, Mr. Edmond Bayle. O director do Instituto Sybilla, de Londres, curioso dos destinos daquele personagem, pediu-lhe para lhe estudar as linhas da mão, em princípios de Janeiro passado. Aquiesceu M. Bayle ao pedido e, com um fino sorriso de descrença, deixou que sobre um papel especial, o Rádio-Foto, ficasse impressa a tessitura complicada das linhas da sua mão. Proceheu a essa operação delicada o sr. Randout, colaborador da Sybilla. Feita a leitura pelo director da Sociedade Ocultista Poinot, perguntou este a M. Bayle se lhe consentia que fosse sincero e o prevenisse dum perigo. M. Bayle com um novo sorriso esperou a confidência.

Era, dizia o quiromante, uma pequenina cruz no Monte de Saturno, que lhe fazia prever e temer uma morte prematura. No resto, a mão acusava inteligência, acção rápida e mérito recompensado. Se não fosse a cruzinha...

M. Bayle, ainda sorrindo, afirmou que não tinha medo da morte.

Acaba a conversa, o director da agência ocultista, redigiu um artigo para o *Petit Journal*, artigo que foi publicado a 23 de Janeiro e que era um estudo sobre a mão de Bayle.

Preguntado agora se, de facto, tinha previsto o assassinio do Chefe de Identificação Judiciária, o director da Sybilla esclareceu:

— Não exageremos. Nestas coisas occultas é sempre o exagéro que marca os charlatães. Eu não predisse um assassinio. Apenas afirmei que no tema astrológico de Bayle, levantado pelo método onomântico estava indicado um arcano terrível — o décimo sexto — a que nós chamamos da *Torre Fulminada* e é precisamente a este arcano 16 que corresponde, sem a menor sombra de dúvida, a cruz fatal entrevista no monte palmar do dedo médio. Logo que observei esta concordância desgraçada levantei o tema astrológico anual e ainda nesse fui encontrar indicações desastrosas, como, por exemplo, a passagem no ano 50.º do Escorpião (signo da natividade de Bayle) na casa solar XII, o que num horos-



Impressão da mão direita de Mr. Bayle, recentemente assassinado em Paris

copo é a mais nefasta das indicações, pois marca um ano inteiro de infelicidades, acrescidas da má influência solar, que traz como consequências o perigo de morte violenta ou prematura. Portanto, termina Mr. Poinot, eu não predisse o assassinio, limitei-me a apontar a sua possibilidade...

Interrogado sobre o horoscopo do assassino, disse ainda o director da Sybilla:

— É um horoscopo vulgar, quasi feliz, acusando inteligência, êxito, boa estrêla em negócios e dando como determinante do carácter um génio impulsivo em extremo.

Um arcano sinistro, o 59.º (Cinco de Espadas) atribui-lhe esse feito impulsivo, agravando-o com obsessão, idea fixa, cólera criminosa, vingança extrema, suicídio ou crime de morte. Além disso, o Calendário Hebraico dá como prognóstico para a data do nascimento de Philipponet, o assassino de Bayle, o espírito de destruição e a possibilidade do assassinio.

Vê-se que ambos, morto e matador, tem nos horoscopos communmente o arcano da Espada (55.º) na mesma e sinistra 12.ª casa.

O tema anual de Philipponet contém três quadraturas, sempre com péssimos aspectos. Uma, a de Marte, astro maléfico correspondendo à casa II (fortuna) em Aries, signo violento, na XI (relações), tendo de arrostar Saturno, astro igualmente maléfico.

Outra, a de Vénus, com o arcano 40 (es-

cravidão passional), defrontando Saturno e a lua na V casa (posição social), o que indica um golpe passional destruindo uma situação.

E, por último, a 3.ª quadratura, a de Saturno, tornando maléfica a X casa onde Saturno e a Lua se encontram de novo com o arcano da ameaça, o 55.º.

Realmente, todos estes precalços não são para desejar num tema astrológico, mas quererá isto dizer que ambos, assassino e vítima, fôssem fatalmente obrigados pela influência dos planetas, um a matar e o outro a morrer?

Pelo amor de Deus não digamos tolices e não concordemos nunca com o nosso ocultista que pede exame médico para Philipponet, apontando-o como um doente mental, a quem astros maléficos, conjunções desgraçadas e arcanos terríveis tornaram irresponsável.

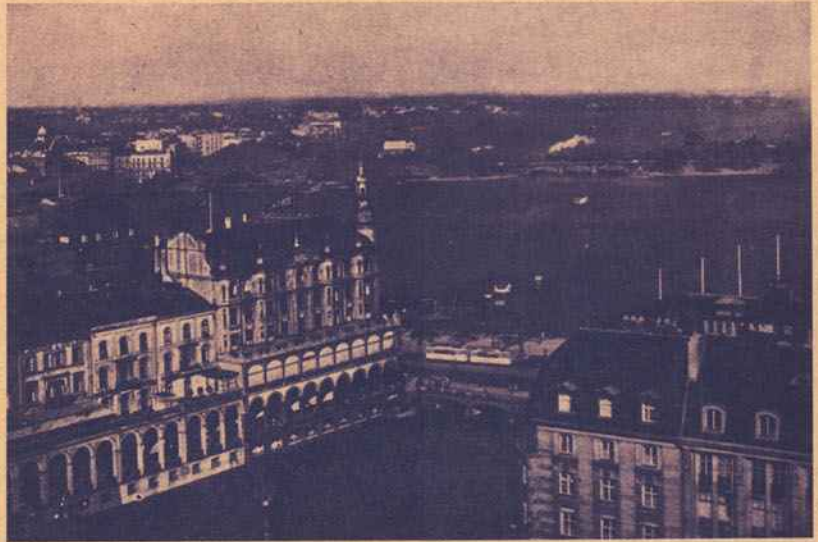
Por enquanto, a ciência oculta é tão contingente e tão pouco respeitada que ainda não houve um banqueiro que se lembrasse de fazer juntar o horoscopo aos contratos de seguro de vida e ainda não honve um judeu que emprestasse um centavo sobre o mais radioso horoscopo.

Quando estas duas operações se realizarem correntemente, então sim, a ciência oculta deixará de o ser e a humanidade será mais desgraçada estando de posse do Amanhã. Até lá, agradeçamos a Deus a grande misericórdia do Imprevisto. — C. M.

O SCENARIO DE HAMBURGO

CAMBIANTES DE MA-
GIA — A SERENA FI-
LOSOFIA DUM POVO
QUE TRABALHA E SE
DIVERTE

Hamburgo é um formidável filme, um filme palpitante e movimentado. Tem um prólogo e, em síntese, pode dividir-se em quatro jornadas. O prólogo é um aliciente sorriso, um sorriso que se esboça com ternura

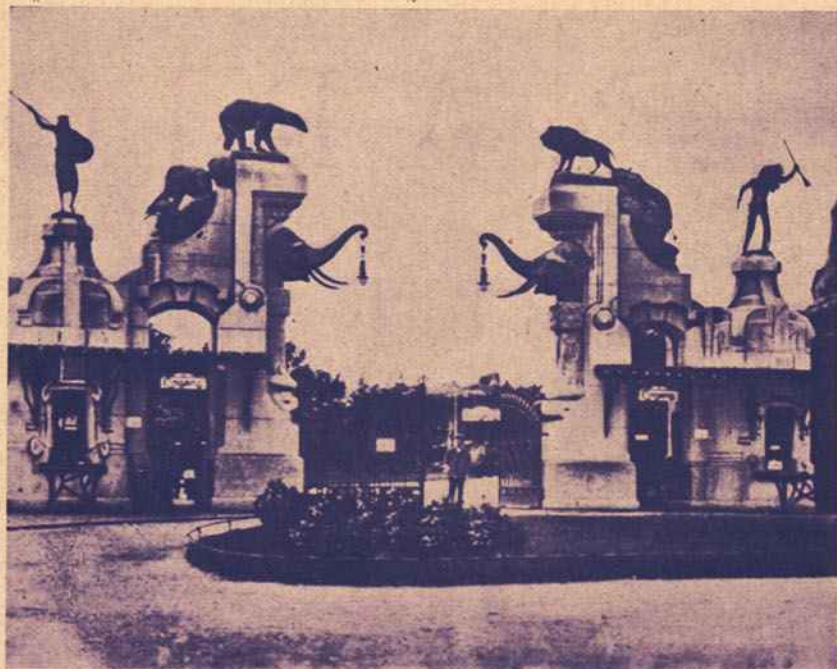


Um aspecto panorâmico do Alster



Ponte sobre o Elba e fachada de Backinhaus

diante do tapete esmeralda vivo de Cuxhaven e se vai fixando, robustecendo, em expressão vitoriosa de força e arrôjo, até ao desembarcadouro de St. Pauli. Segue-se uma jornada de acção, todo o labirinto do tráfego do seu pórtico franco, os grandes estaleiros empenhados em completar os «encadramentos» dos luxuosos «Palaces» flutuantes, a agitação perturbadora do Elba com o seu túnel sub-fluvial intenso de movimento e com as suas margens onde a chama do trabalho se torna rubra impulsionada pela electricidade. Vem depois a importância da sua praça comercial, «brouhaha» alacre e enervante a contrastar com a suavidade e o lirismo impressionantes das quietas águas do Alster. À terceira jornada podiam perfeitamente dedicar-se as manifestações de desporto, o culto do ar livre, um louvor fremente ao sol, emigrado curioso



Entrada principal do Parque Zoológico Hagenbeck

das regiões do sul, que vem esbater a sua «patine» de iodo sobre os corpos plasticisados por salutar ginástica. Regista-se, por fim, a vida de prazer, os divertimentos inerentes a um milhão e duzentos mil habitantes, notas de alegria exgotando em ruído a taça do gôso ao clarear da manhã, estandarte de miséria a ocultar-se na sombra dos grandes «affiches» que escorrem luz e cor sobre o verniz polido do asfalto dos *boulevards*.

No *écran* animado de Hamburgo, assinalam-se aspectos, recortam-se silhuetas, desenham-se atitudes e alargam-se efeitos panorâmicos.

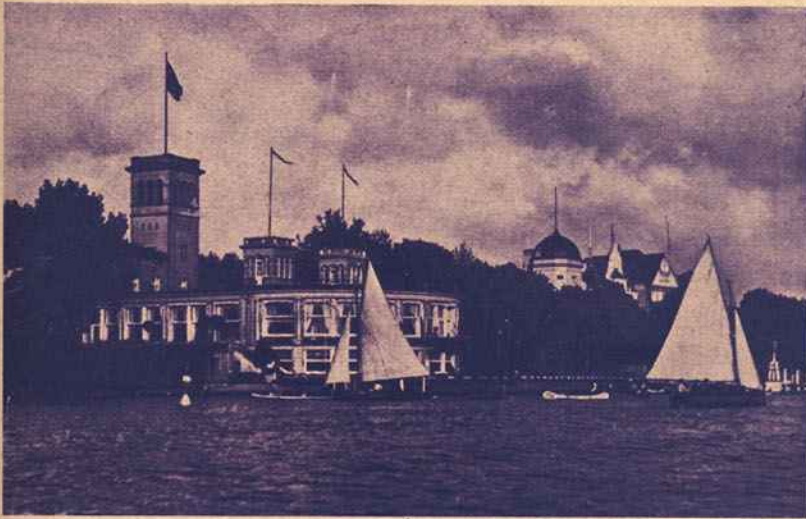
«Jungfernstieg», a mirar-se sobre o espelho azulado do grande lago do Alster, é o *ex-libris* das ruas hamburguesas. A nossa sensibilidade ausculta o coração da cidade para uma visita rápida. A mutação do cenário inicia-se breve. Igreja de S. Miguel com a sua torre luminosa; o monumento a Guilherme I, num semi-círculo com altos relevos de característico figurino militarista; o suntuoso edifício da Biblioteca do Comércio; a «Rathaus» com a sua torre que tem a ânsia dos

minaretes. Mais uns metros de fita, mais artérias a erguer perfis de arrojada construção, como «Ballin» e «Chilehaus», «Sprinkenhof», o bairro operário de «Barmbeck» e a *gare* de «Hauptbahnhof». Atravessam-se os arcos das pontes sobre o Elba e volta-se à agitação do *côrso*. Atinge-se o «Hagenbeck-park», empório de aclimação de animais de tôdas as raças que vivem na ilusão da li-

berdade das selvas. Entra-se na floração vicejante dos parques com estátuas a recordar símbolos da sobriedade da raça. Bismarck, o «chanceler de ferro» afirma a sua imponência sobre um macisso de pedra tôsea. O arvoredo dos jardins alinha-se unido, frondoso e copado. «Stadt Park» — o parque da cidade — é uma linda aguarela, duma vivacidade inebriante de cores. Alargam-se os cambiantes de magia numa harmonia de tons. «Rosen Garten» é o irmão gêmeo de Windsor, dá o braço delicadamente a Versailles. As águas do Alster, tecem-lhe murmúrios tentadores. É aqui, por excelência, o índice dos desportos, o refúgio dos hamburgueses. Nesta grande área cabem tôdas as fichas desportivas, — o hipismo, o «hockey», polo, «football» «tennis» e as vastas e incomparáveis piscinas. Os grandes relvados são os lugares de repouso. Sobre o Alster debruçam-se os clubs de natção e os pavilhões do remo. A multidão é grande. Promiscuidade de *maillots* ajustando-se às cinturas fortes de ambos os sexos. Reparo nos perfis das mulheres, das crianças e dos homens. Transparecem saúde, bom humor, a serena filosofia da vida que constitui ainda agora, quasi diluidos os efeitos da guerra, a vitoriosa tenacidade do povo alemão.



O desembarcadorio de S. Paulo

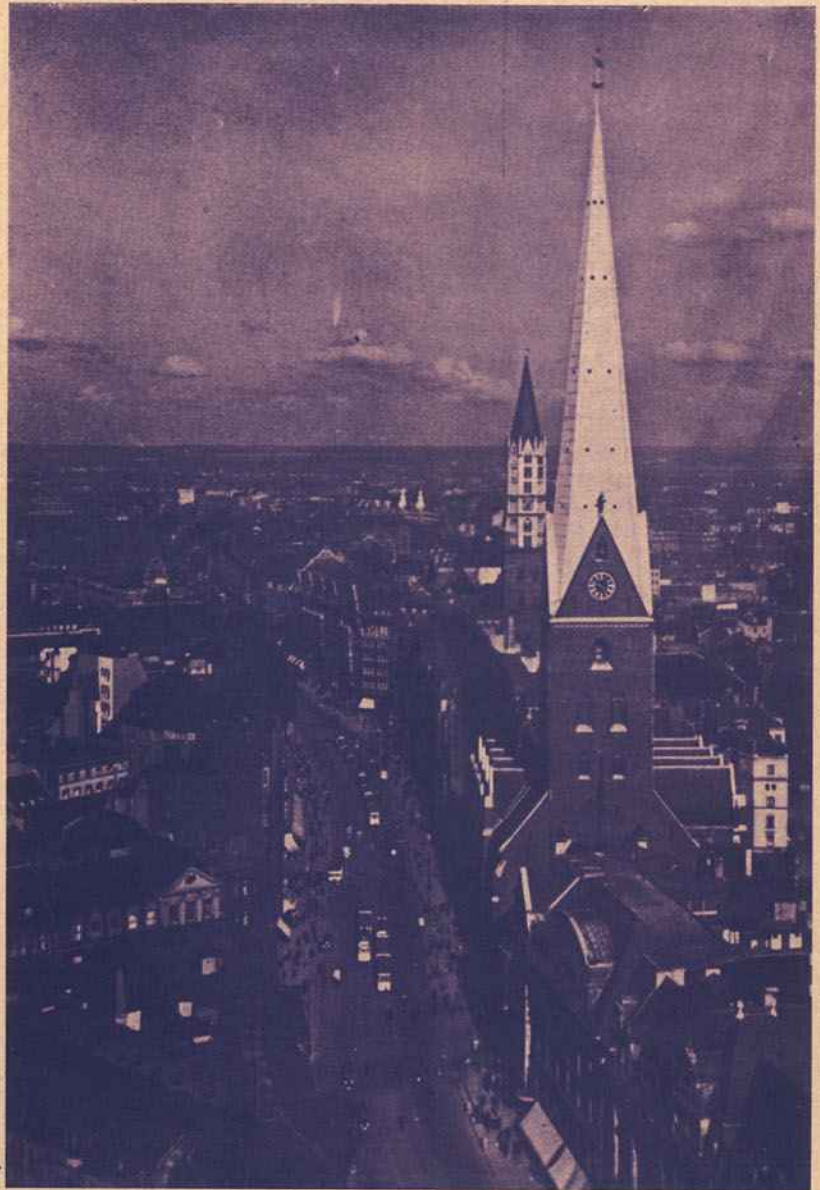


Dansa-se sempre, sem estética, corpos unidos com lassidão, coreografia nervosa. E quando nas fisionomias se estampam os sulcos flagrantes do cansaço, os *dancings* esvasiam-se. A animação refluc, borbulha depois, madrugada plena, nas outras *boîtes*. Adivinha-se então todo o drama silencioso e amargurado da cidade, — drama que a maquiagem do falso ambiente das *boîtes* só consegue disfarçar até aos primeiros alvares que mancham de tintas leves o nascente...

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

A ESQUERDA: — Uhlendorfer Fahrhaus, com a sua explanada nas margens do Alster
EM BAIXO: — A rua Mänckeberg

St. Pauli é o *boulevard* característico do prazer, a nota alegre que o turista procura nervosamente, ávido de sensações, no Baedeker. Veste pelo mesmo figurino de Montmartre e do Zoo, de Berlim. Interiores requintados de decorações, fachadas que são ribaltas floridas e luminosas. Os *cabarets* e os *dancings* são às dezenas. Unem-se uns aos outros como contas luminosas dum grande colar. A torre, avivada a luz vermelha, do «Trichter», é o íman, um álbum que o cosmopolitismo fôlheia com sofreguidão. O «Braus Rost» é uma saúde dos recantos pitorescos da Baviera. Vibram marchas ingénuas nos metais da orquestra que resiste à morbidez nevrótica do jazz. O «Zillertal», com os seus quadrados azues e brancos da fachada a projectar claridades sôbre o asfalto, representa uma afirmação da alegria comunicativa da alma popular. O «Bocácio Casino», duma elegância *smart*; o «Vaterland», o «Heizne», o «Alsterpavillon», o «Eldorado», o «Victoria», o «Seala», o «Uhlendorfer Fahrhaus»; os originais hipódromos ruidosos pelo volteio dos cavalos e pela graça das amazonas; o «Libelle» com as suas conferências ingénuamente humorísticas; os vários *tanz* do bairro chinês e tantos outros que nos aturdem, ao ritmo desengonçante dos *jazz's*, com a sacudidela das loiras *fraulein* que fumam como turcos e bebem cerveja como embarcações.



GRANDEZA S DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA

PADRÕES DE TRABALHO

ENTRE VIANA E PONTE DO LIMA



VIANA — Porta do solar dos Condes da Carreira

RUMORES DO PASSADO

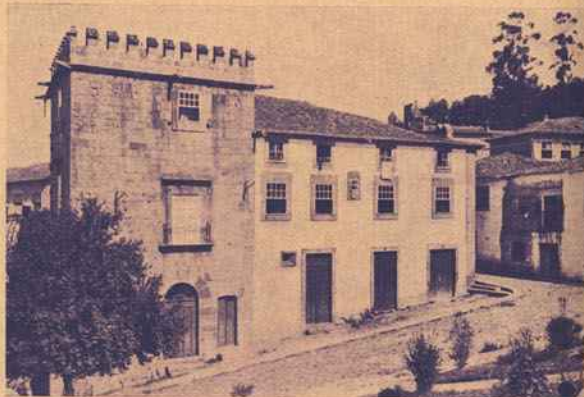
Nesta larga região que o rio Lima lanha, desde a foz quasi até à sua nascente, pelo meo aliada para lá de Lindoso, não há que admirar apenas as deslumbrantes, estonteadoras be-léssas naturais. Sente-se vibrar, estremecer na atmosfera, como asas de água palpitando no espaço, um bafo de vida antiga, o cõro de vazes longínquas apagadas pelo tempo, mas cujo som ainda parece repercutir de quelera em que-brada. Por muitas destas aldeias passaram, em algazaras e arremetidas contra o castelhano, os cavaleiros de Afonso Henriques; foi bem perto destes sítios, ali nos Arcos de Val-de-Vez, que se travou a batalha decisiva que pôs a corõa de monarca na cabeça do nosso primeiro rei. Por aqui se encontram restos das muralhas dos seus companheiros de armas. Ali em cima, na fa-mosa Terra da Nobreza, levantaram-se os sola-res dos primeiros fidalgos portugueses.

Foi nesta região que mais acesa se travou a luta pela independência quando Leonor Teles tentou vender o reino a Castela e o Mestre de Avis, corrigindo erros e envidando culpas, se aliou com o seu grande Condestável para esca-rçar os intrusos. Dentro dos arruinados muros de Ponte do Lima se passou um dos mais vio-lentos episódios dessa homérica luta. Foi ali também que o Dictator verdadeiramente con-quistou a sua corõa, pois foi esse o ponto que maior resistência opôs à sua marcha triunfante pelo Norte.

E quando, já esmagado o país pela pata cas-

telhana, esse pobre visionário, tam simpático e tam mal compreendido, que foi o Prior do Crato, procurou um refugio, veio humilhar-se nos solares da Ribeira-Lima, esperando talvez em encontrar pelo meo a apota a sua causa.

heróicos ou daqui partiram pelo meos soldados valorosos que colaboraram na redenção da pá-tria, e cujos fellos obacuros já ninguém re-corda. Bem aparado o occido, é certo que estrage também o arruão das tremendas lutas



PONTE DO LIMA — Casa dos Barboza Ataliba

um exercito de sombras gloriosas. Mas as pe-dras não se moveram, e os sepulcros permane-ceram mudos.

Mais tarde ainda, ao ser o país talado pelas hordas francesas, por aqui se praticaram feitos

políticos que, em várias épocas, inundaram o país de sangue. Mas o eco das velhas glórias pode abafar bem o clamor das vinganças e dissídios.

E recordando mais nos séculos, se fizessemos silêncio sobre os acontecimentos que vêm desde a formação da nacionalidade, poderíamos sentir ainda o rumor carvo e soturno, mas compassado, das hostes romanas, atravessando a via militar de Braga a Astorga, de que restam muitos vestígios.

PASSADO E PRESENTE

Tudo nesta região nos fala do passado. E tanto se inclina este povo sobre a cinza dos túmulos e a poeira dos arquivos, que os ecos do presente, se às vezes acordam, são de insen-satez e provocam repulsa.

Ponte do Lima, como já dissemos, é uma das terras onde maiores sevícias se têm exercido sobre monumentos antigos, praticados por cer-tas vereações que, não podendo deixar nome na história como reivindicadoras das regalías popu-lares, a exemplo do que outros muitos fizeram, tentaram ao menos distinguir-se por actos de vandalismo. Assim desapareceram, no século passado, as muralhas e as torres com que D. Pe-dro I mandara fortificar a vila, só restando agora como recordação a Torre de S. Paulo e a da Porta Nova, esta de facto mais nova, e onde é actualmente a cadeia ou antes o matadouro dos presos.

A velha ponte, cujas ameias, mandadas côl-car por D. Manuel, foram também apesadas, bem

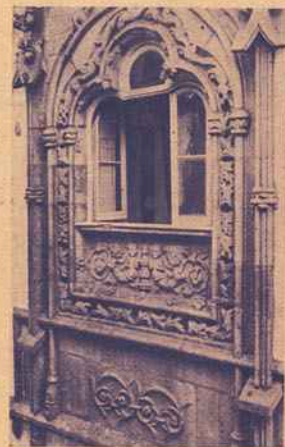
como os dois torreses que a flanqueavam uma e mostra extremidade, está soffrendo agora novo atentado, para que parece já não haver remédio possível.

A vereação actual, a titulo de prolongamento

duma rua, que nem ao menos alinha com a avenida da beira-rio, e fica interrompida pela extremidade oriental da ponte, vedou dois dos seus arcos, precisamente no ponto em que está cravada uma lápide que figurou na Torre Velha,



PONTE DO LIMA — Pátio e varanda da Casa das Torres



VIANA — Uma formosa janela manuelina

ladeada por duas estatuetas de pedra que mul-tos supunham, embora sem fundamento, serem as figuras dos irmãos Malheiros, que facilita-ram a D. João I a sua entrada em Ponte do Lima.

Se este rio Lima tivesse os ímpetus do rio Cávado, talvez que um dia, numa das suas arremetidas bruscas e intempestivas, reduzisse a destroços esta ignara obra dos homens que ofus-cam a be-léssa do seu melhor adorno: a ponte. Mas é possível que este rio, mansuetido e suave, de águas mansas e margens sorridentes, res-ponda aos insultos com as endeixas e vilancetes dos seus poetas.

A não ser que elles façam sobre as suas águas correntes a jora fatal de as acariar para de-pois as lançarem ao despeço...

Porque então é possível que o rio lhes encar-que as almas e dentro das suas margens as traga presas, num redondo de insanía, em per-maneente tortura.

Exactamente como a

LINDA DO GALGO PRETO

Quantos não viram já essa figura fatídica ani-hilhada sobre as águas, como a sorvelhas dum traço; e depois cantanhã, pesada e raggosa-mente, pela estrada fóra, na direcção de Viana? O observador contempla-a, surpreso, e, se tem coragem, vai seguindo a sombara de perto. Quando julga poder havê-la às mãos, ela forma um salto e some-se nos ares como bafada de fumo.

Quando D. Manuel visitou Ponte do Lima, e mandou cobrir a ponte de ameias, trouxe na sua comitiva um moço galante, que muito estimava, de nome Rui de Mendonça.

Agasalharam-se os cavaleiros do séquito, in-vidio e numerosos, por casas de fidalgos, cabendo a D. Leonel de Lima albergar o esculheiro va-lido.

Este D. Leonel de Lima, aparentado com a família dos Viscondes de Vila Nova da Cer-veira, de que falaremos adiante, ajudava mal-quistado com os seus parentes, que nunca lhe perdoaram o seu casamento com a filha dum secitário de Mafoma, em Arrila. Tinha uma filha, Beatriz de Lima, que be-léssa da sua mãe as graças, a be-léssa e o fogosidade amorosa. Re-catada e simples, não frequentava saras nem dava ocasião ás troças dos conquistadores do tempo, fidalgos ricos e gallanteadores mas bron-cos. No seu rosto de santa, como lhe chamavam muitos, acendiam-se, porém, às vezes, nos olhos de fogo. E foi por isso que aquele móço da côrte, correcto, de primoroso trajar e falas ôb-



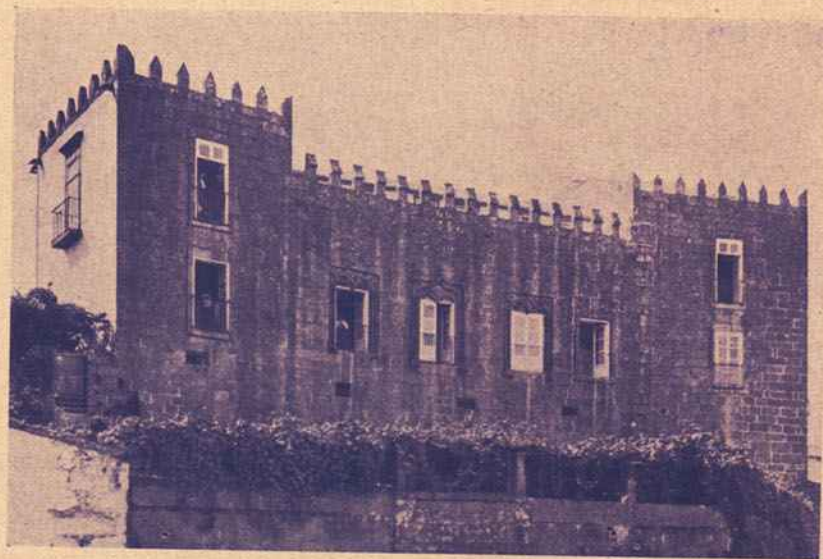
PONTE DO LIMA — Casa das Torres



VIANA. — Cruziro de Santa Marta

ces, lhe conquistou logo o coração, trocando as moças vaidosas e elegantes por aquela fragante flor silvestre, que tão bem enquadrava na paisagem idílica do Lima.

Um dia, ambos sentados no banco rústico duma horta, banhada pelo rio, confessaram o



PONTE DO LIMA. — O Paço da Vila

seu mútuo amor. Mas era a véspera da partida. D. Manuel retirava e forçoso era acompanhá-lo.

Do novo idílio só o rio foi testemunha, mas do amoroso colóquio ficou na tradição este fragmento de diálogo:

— Juras que não me esquecerás? — perguntou Beatriz.

— Juro!

— E atreves-te a fazer a jura sobre as águas correntes? — insistiu a donzela, faiscando-lhe no olhar um relâmpago de ansiedade, de dúvida, e também de ameaça, revivescência do gênio ardente mas vingativo da sua avó moirisca.

— Juro! — confirmou o mancebo, estendendo as mãos para o rio — e, se à jura faltar, negra seja a minha alma enquanto estas águas correrem.

Passado um ano ia grande azáfama no palácio dos Mendonças, em Lisboa. O dono da casa

reunia os amigos para lhes participar o casamento da filha, herdeira dos seus haveres e nobreza, com o único parente que poderia manter a representação da casa na mesma varonia. Os salões estavam repletos de convidados, a alegria irradiava de todos os rostos, o entusiasmo aumentava gradualmente, como as ondas que vem de longe engrossando, em rumor cada vez mais sonoro, para se desfazerem na praia. Faltava apenas o noivo.

E de facto, também como o desfazer das ondas, o entusiasmo arrefeceu um momento. A alegria sucedera a tristeza; à expressão, nos ditos alegres e chistosos, o luto e as lágrimas. D. Rui de Mendonça, o perjuro, morrera de repente ao subir para o coche que o levaria ao palácio da noiva.

Foi desde então que, nas margens do formoso Lima, começaram a observar uma estranha aparição, em que muitos notavam a figuram dum galgo preto.

Negra será a sua alma enquanto as águas correrem, por isso que sobre essas águas fizera uma jura fatal.

Oxalá o mesmo não aconteça às almas dos vereadores que, jurando amores ao rio, lhe estragaram um dos seus mais belos ornamentos.

O PAÇO DE PONTE DO LIMA

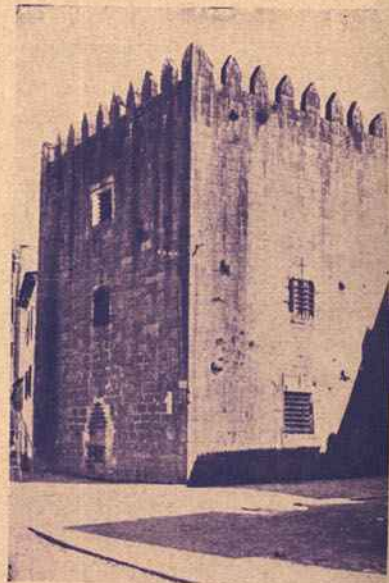
Aquí temos ontras preciosa reliquia architectónica horrosamente mutilada através dos tempos. Foi esta casa, das mais antigas do país, mandada construir por D. Pedro I, o grande reformador e protector da vila, onde fizera uma espécie de quartel-general, quando empenhado na guerra com seu pai, D. Afonso IV.

O formoso e fraco D. Fernando deu-o de presente aos célebres Liras, pai e filho, dois fidalgos espanhóis que, escorraçados da sua pátria, lhes vieram oferecer os seus serviços. D. Fernando foi com eles duma generosidade sem li-

ta facilitar-lhes a entrada na vila por uma hábil estratégia.

Sabendo D. João dentro dos muros, o galego, cuja heroicidade um arqueólogo moderato, talvez seu descendente, entusiásticamente aclama, refugiu-se na Torre dos Codeços e ali se manteve até que um incêndio o obrigou, e nos seus companheiros de armas, a descer por um cesto preso a cordas, cômica salvação de quem se comportara com tal valentia. E foi talvez esse, de facto, o seu maior acto de heroicidade, porque não só as cordas podiam partir e estatelá-lo no solo pedregoso da rua, mas se aventurava também a arrostar com as iras dos atacantes.

O paço, ou castelo, em que antes pompeava o pretensu herói galego, foi depois entregue a



PONTE DO LIMA. — Porta Nova (Cadeia)

outro espanhol fiel, Fernão Anes de Lima, que a Portugal prestou relevantes serviços e recebeu recompensas do novo soberano.

D. Afonso V fez de seu filho, D. Leonel de Lima, alcaide-mór da vila e visconde de Vila Nova de Cerveira, o primeiro viscondado do país, pouco depois elevado a marquesado.

O castelo conservou-se muitos anos nessa família, sofrendo graves estragos em princípios do século passado, precisamente quando foi demolida a Torre dos Codeços, como se os destinos dos dois velhos monumentos andassem faticamente ligados.



VIANA DO CASTELO. — Armas nacionais estilizadas na Casa da Alfândega

Desta casa, hoje transformada em hospital, apenas resta um corpo de edifício com uma frontaria ameaçada e ainda muito curiosa.

OUTROS SOLARES E MONUMENTOS

Falemos agora, em rápido esboço, de mais algumas das preciosas antiguidades que se admiram nesta fértil e inesgotável Ribeira Lima.

Retrocendo a Viana do Castelo encontramos nas velhas casas da Alfândega dois belos ESCUDOS com as armas reais portuguesas, e um dos quais reproduzimos em gravura.

Na rua de S. Pedro, admira-se, na casa da família Costa Barros, belo edifício de quatro portas góticas, uma interessante JANELA MANUELIANA, que é uma verdadeira raridade arquitectónica.

Na rua da CARREIRA depara-se-nos o monumental edifício dos condes do mesmo nome, com uma elegantíssima fachada também em estilo manuelino. Esta família usava antigamente o apelido de Távoras, mas, depois das violências e barbaridades pombalinas, substituiu-o por o apelido da linha materna, Abreu e Lima. Pertenceu a esta casa, de alta linhagem e honrosas tradições, o célebre ministro de D. João VI, conde da Carreira. Tem capela na igreja da Misericórdia e possui um notável recheio em mobiliário e cerâmica.

Abandonando provisoriamente Viana, onde a falta dum roteiro seguro obriga a perder tempo na recolha de elementos, encontramos logo adiante, na freguesia de Santa Marta, um curioso CRUZEIRO do século XVII. De velhos



VIANA. — Paço de Lanhezes (entrada principal)

sobre pedra. É ainda hoje fama que as próprias pedras foram arremessadas ao rio.

A lenda não tem neste ponto fundamento his-

de de D. Sapo. A torre foi definitivamente demolida no século passado. Mas o que parece verdade histórica é o tributo da *marketa*, em uso noutros tempos e em diversas terras.

Dando novo salto, para espalçar, aparece-nos na freguesia da Fachada, estrada do Taurel e Ponte do Lima, entre outras muitas, a formosa CASA DAS TORRES, hoje pertencente à família Novais, belo exemplar estilo D. João V.

Ainda na vila de Ponte, é digna de registo a casa dos BARBOSA ARANHA, junto da Fonte da Vila, velho edifício que tem anexa uma bela torre e encastrado na fachada o braço da família.

Pertenceu ao falecido Conde de Calheiros, tendo passado para outros proprietários.

Mas quem se mete em peregrinação por estes velhos lugares históricos acontece-lhe como ao judeu errante: nunca mais tem parança.

REINALDO FERREIRA.
SOUSA MARTINS.



VIANA. — Paço de Lanhezes (Vista de conjunto)

edifícios por aqui existentes não resta memória ou encontram-se em estado lanentável. Deixando atrás, e para nova oportunidade o Castelo de Portugal, topamos logo adiante com uma imponente casa senhorial, que conserva todo o sabor clássico das velhas vivendas portuguesas, o PAÇO DE LANHEZES, que foi dos Abreus Pereira Cernes e hoje pertence aos srs. condes de Almada e Avranches.

Antes desta freguesia, em Cordielos, existiu a famosa Torre de D. Sapo ou de Moure, a cuja lenda nos referimos já ao falar do Castelo de Curutelo, em S. Julião do Freixo.

D. Sapo, segundo é fama, tinha o direito de *marketa* (*pevnada, ossas ou jus prima nox*).

Donzela que estivesse para ser desposada tinha que pagar tributo da sua virgindade ao lúbrico régulo daqueles tempos, a que uns chamam D. Florentino Barreto e outros D. Gonçalo Pais.

A revolta foi crescendo entre o povo, entre os noivos principalmente, que viam desfolhada na primeira noite de núpcias a tão ambicionada flôr de laranjeira.

Formou-se uma comissão dos mais ousados, que foram pedir ao rei licença para matar um sapo, que era na sua freguesia o terror das mulheres honestas.

O monarca, sorrindo do disparatado do pedido, concedeu a permissão que lhe solicitaram, e o povo então invadiu o solar, esmagou o sapo, não deixando mesmo do edifício pedra

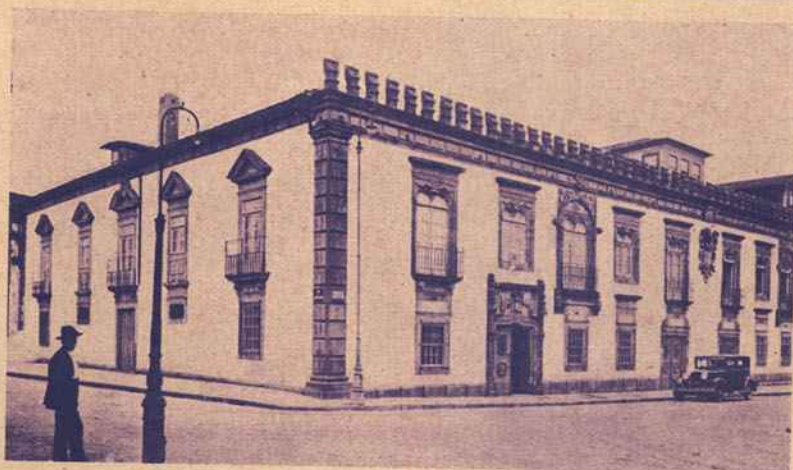
tórico. D. Sapo, como já contámos, foi mandado assassinar por Nuno Soares o Velho, do solar de Vitorino das Donas, e este, por esse facto desafiado por Simão Nunes Curutelo, tio

A reportagem literária e fotográfica para a secção
«GRANDEZAS DE PORTUGAL»

é feita em automovel CHRYSLER de que é representante em nosso país a firma

A. BEAUVALET

11-BOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137.
PORTO — Rua de Santa Catarina, 73



VIANA. — Solar dos Condes da Carreira



A SEMANA DA LUZ EM LISBOA. — O TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRET, ILUMINADO

(Foto Raúl Reis)



PÃO ALHEIO

POR ALEXANDRE KUPRIN

ILUSTRAÇÕES de **TAGARRO**

(Alexandre Kuprin é hoje um dos autores mais lidos na Rússia. O seu nome ocupa um posto ao lado de Gorki, Korolenko e Andreief. Quando publicou as suas primeiras produções, Kuprin foi francamente repellido pelos editores das publicações periódicas, tendo só a seu lado a voz potente e autorizada de Tolstoi, que saudou o aparecimento do jovem escritor com palavras de louvor e de ânimo, o que, segundo confissão sua, veio influir muito na elaboração da sua futura obra. Os seus romances mais importantes são «O deus implacável» e «O Duelo», que, com «O Bracelete de Rubis», coleção de deliciosos contos, formam um admirável tríptico, que fazem do seu autor uma das figuras mais eminentes da literatura russa contemporânea).

— Acusado: tem alguma coisa a alegar em sua defesa? — perguntou o presidente do tribunal, com tom indifferente e os olhos semi-cerrados de cansaço. — Que nos pode dizer para justificar ou explicar o seu crime?

O acusado estremeceu e agarrou-se nervosamente às grades que separavam o seu banco do público.

Era um pobre magrizona, de movimentos tímidos e olhos medrosos. O cabelo ralo, muito loiro, e as sobrancelhas, quasi brancas, davam-lhe ao rosto um aspecto enfermizo e anémico.

Acusavam-no de, na noite de 23 para 24 de Janeiro, ter deitado intencionadamente o fogo e provocado um incêndio na casa do Conde Vencepolski, seu parente afastado, com quem vivia. Os médicos declararam que estava em plena posse das suas faculdades

mentais. Só observaram nêle certa excitação e uma sensibilidade exacerbada aliadas a uma atonia geral do sistema nervoso e a uma marcada predisposição para o choro, circunstâncias que não impediram fôsse declarado responsável dos seus actos.



TAGARRO

Até àquele instante, o acusado mostrara-se indiferente e quasi que não manifestara nenhum interesse pelo processo. O conjunto solene, quasi abrumador, da sala; os uniformes doirados dos juizes, o tapete vermelho da mesa do tribunal, as enormes janelas, os magestosos retratos das paredes, o público que se aglomerava do outro lado das grades, os porteiros severos, os jurados conscientes da sua dignidade e extremamente graves, abatiam e intimidavam o pobre homem, que se sentia como sob as roldas duma máquina gigantesca e implacável, cuja marcha vertiginosa nenhuma força humana seria capaz de interromper.

Quantas vezes não sentiu êle desejos de gritar durante o discurso do seu defensor: «Não é nada disso, senhor advogado! Não foi assim! Cale-se, por favor, e deixe-me contar a mim a história do crime». Oh, êle poderia contar, em termos claros e comovedores, tudo quanto tinha sentido e pensado!

Mas a máquina judicial seguia o seu curso rápido e regular, parecendo inútil qualquer intento de resistência àquele monstro frio e implacável.

No entanto, as últimas palavras do presidente despertaram no coração do acusado aquela energia desesperada que costumam manifestar certos indivíduos nos momentos



mais graves da sua vida e que faz investir o condenado à morte contra o carrasco que lhe enlaça a corda do pescoço!

E, com voz suplicante, gritou:

— Tenho, sim, senhor presidente! Em nome de Deus Todo-poderoso, oiça-me... Permite-me que lhe conte tudo.

Os jurados simularam grande atenção; os juizes puzeram-se a desenhar nas fôlhas de papel que tinham na sua frente, cabeças de mulher e de animais; o público guardou um silêncio de expectativa.

O acusado começou a falar.

— Quando cheguei, em princípios do ano passado, a esta cidade, não tinha resolvido

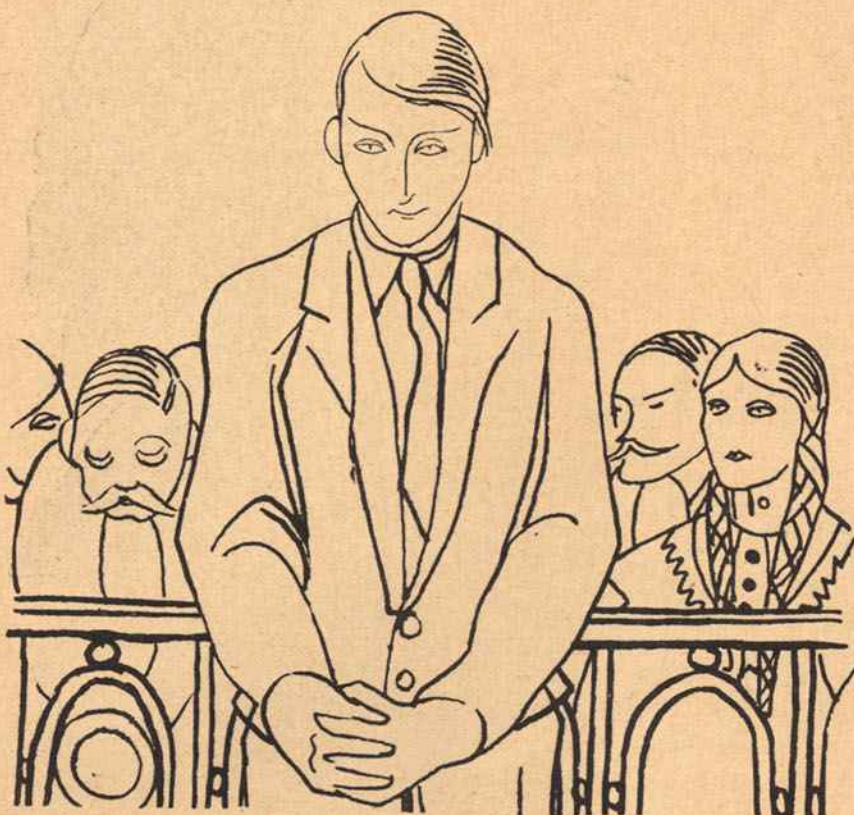
nada acerca do meu futuro. Nunca tive sorte; dir-se-ia que nasci desgraçado. Nunca tive o menor triunfo, e, aos quarenta anos, sentia-me tão impotente e falto de senso prático como nos dias da minha juventude.

Dirigi-me ao conde Vencepolski, rogando-lhe me diligenciasse qualquer emprêgo. O conde era parente afastado de minha mãe, falecida há muitos anos, o que me animou a pedir-lhe protecção. Homem desprendido e generoso, como, de momento, não pude encontrar nada para mim, ofereceu-me, enquanto a minha situação não se solucionasse, hospitalidade em sua casa.

Aceitei. Ao princípio, teve para mim algumas atenções; mas, pouco depois, cansava-se da minha presença e deixou de ligar-me importância. Olhava-me como quem olha para um móvel, que, por costume, se tem sempre diante dos olhos. Começou então para mim uma vida de parasita, cheia das mais amargas humilhações, de cólera impotente, de palavras lisongeiras e de sorrisos falsos.

Para se compreender todo o horror de semelhante vida é indispensável a própria experiência. A gente independente e altiva julga que o hábito de se viver como um parasita e de se comer o pão alheio mata no homem o amor próprio. É um engano. Nunca na minha vida fui tão sensível às palavras em que via alusões à minha condição miserável. Na minha alma sangrava uma ferida terrível, e cada novo insulto era para mim como o contacto dum ferro em brasa.

Mas quanto mais tempo passava, com meus forças me sentia para pôr termo a tão humilhante situação. Sempre fui débil de carácter, tímido, indeciso. A vida em casa do conde paralisou-me totalmente a vontade, anulando a escassa energia que ainda me res-



tava. Às vezes, de noite, passando revista, na cama, a tôdas as humilhações do dia, sentia-me abafar de ira e pensava: «Amanhã termino com tudo isto! Amanhã saio daqui, depois de dizer ao conde tôda a verdade. É preferível a fome, o frio e ter que sofrer tôdas as privações, a continuar nesta vida indigna. «Pois bem: chegava o dia seguinte e nada restava da minha decisão da véspera. Mais uma vez olhava para o conde com um sorriso baixo e ruim; mais uma vez não me atrevia, durante a refeição, a pôr as mãos em cima da mesa: mais uma vez me sentia ridículo e estúpido. Quando me decidia a lembrar-lhe a sua promessa do emprêgo, o conde respondia-me em tom senhoril:

— Que pressa tem, meu caro? Não se sente bem na minha casa? Viva aqui, por agora; depois, veremos.

E eu calava-me.

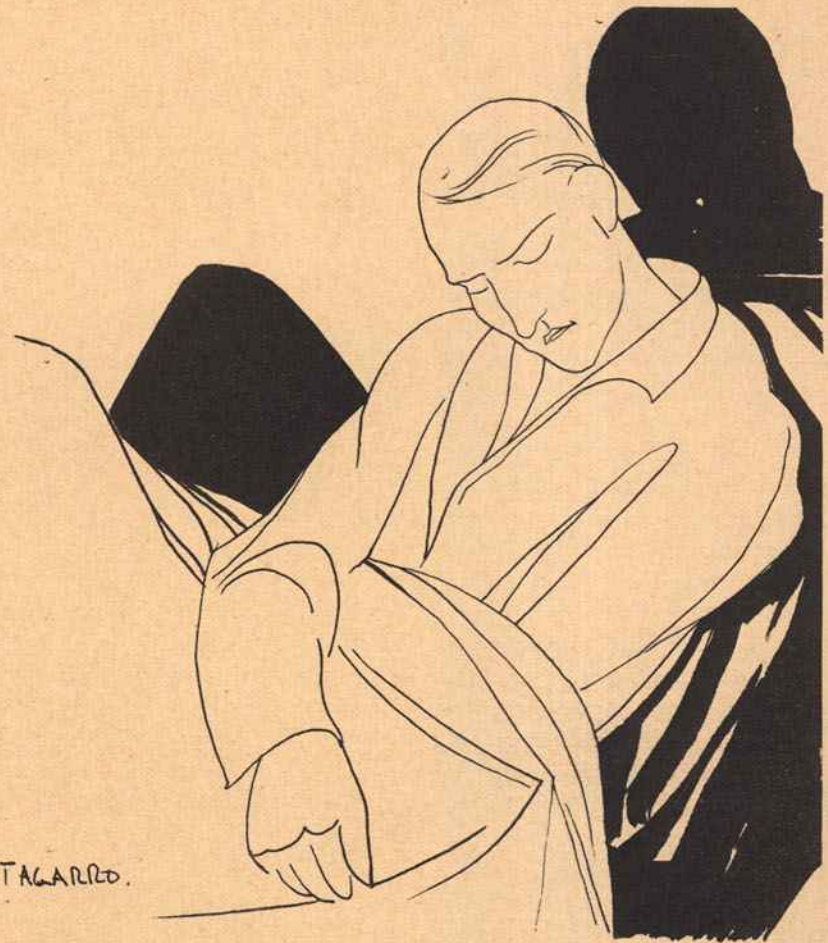
Às vezes o conde dava-me um dos seus fatos, já usados, e eu não tinha coragem para o recusar. Os fatos eram elegantes, mas ficavam-me largos. Um amigo do conde, um mariola e um canalla, gritou-me uma vez, rindo clinicamente:

— Observo, senhor Fredorw, que se veste no alfaiate do conde.

Nunca nenhum dos assíduos freqüentadores daquela casa me chamava pelo meu patronímico. O conde esquecia-se sempre de me apresentar aos seus convidados, a maior parte dos quais vivia, como eu, da sua generosidade; mas sabiam colocar-se no seu lugar, tratando-o de igual para igual, enquanto que eu, por culpa da minha timidez, me via sempre em plano inferior. Odiavam-me com um ódio de gente vil, não querendo que outro gosasse, como eles, dos favores do amo.

Os criados tratavam-me com a altiva insolência que caracteriza quasi todos os lacaios. À mesa distraíam-se com freqüência e deixavam de me servir alguns pratos. Nas suas palavras e olhares eu advertia o profundo desprezo dos que trabalhavam, pelos parasitas. Jámais me atrevia a dizer-lhes que me arrajassem o quarto ou escovassem a roupa.

Quasi tôdas as noites se jogavam as cartas na casa do conde. Quando faltava algum parceiro, o conde também me convidava a jogar. Conquanto não tivesse nunca uma moeda, aceitava o convite, desejando ganhar com tôda a minha alma. Jogava com avidês, calculando, arriscando-me, implorando até algumas vezes mentalmente a ajuda de Deus.



Como succede quasi sempre em casos semelhantes, perdia em vez de ganhar, e perdia mais que todos os outros.

Quando se acabava a partida e os jogadores ajustavam contas, eu não ousava levantar os olhos e corava de vergonha. Não sendo já possível prosseguir naquela atitude de silêncio, dizia, forçando a voz numa expressão de indiferença:

— Conde... faz-me o favor... neste momento encontro-me sem dinheiro... Tenha a bondade de pagar por mim... amanhã devolver-lhe hei...

É claro que ninguém tomava a sério tal promessa: todos sabiam que nem amanhã nem depois podia eu pagar a dívida.

Uma noite ou outra o conde e os amigos iam ceiar a um restaurante e depois dirigiam-se a um baile público. Convidavam-me por mera fórmula, dando-me a entender claramente que melhor faria se ficasse em casa. Soubesse eu embora que, se recusasse, não voltariam a repetir o convite, não tinha a sufficiente vontade para dizer: «Não vou».

E, o que era mais grave, corria adiante de todos ao cabide para vestir o sobretudo, como se receasse que me deixassem só.

Durante a ceia diziam-se graçolas e obscenidades. Eu considerava-me no dever de rir, conquanto não me sentisse com a menor vontade para tal. Se eu dissesse alguma graça ou tivesse uma saída feliz, ninguém me atenderia. Mal abria a bôca, era logo interrompido por algum dos presentes. Todos voltavam a cabeça para o outro lado, e em vão começava eu, pela décima vez, a mesma frase, procurando, com os olhos, alguém que me atendesse: todos evitavam os meus olhares.

O resto da noite tornava-se mais terrível ainda. Um velho canapé com o fôrro todo esburacado, uma corcova no meio e as molas num estado deplorável, era a minha cama. Como lhe faltassem duas pernas, eu substitua-as pela minha mala.

Como odiava aquele canapé! Nenhum ser vivente me inspirava ódio tão feroz como aquele móvel velho e miserável, que não servia nem para o negócio duma adeleira. A

medida que se aproximava a hora de me deitar, ia-se apoderando de mim um terror insuportável ao pensar na longa insónia que me esperava. Mal me estendia no canapé, a corcova cravava-se-me nas costas e as molas torturavam-me as costelas. Daí a cinco minutos, começava a sentir na espinha e na nuca dores terríveis. Inflamava-se-me a cabeça e um tropel de pensamentos febris invadia o meu pobre cérebro. Concebia planos entusiásticos para o futuro, que, durante a noite, se me apresentavam completamente realizáveis, e pela manhã convenciam-me que não passavam de ideias insensatas.

Tôdas as impressões do dia, tôdas as palavras pronunciadas por mim ou pelos outros, todos os insultos, tôdas as humilhações desfilavam pela minha memória. Eu, durante a noite, analisava-os com uma espécie de voluptuosidade de que não é capaz senão a alma dum homem desgraçado, humilhado e vencido. E sentia, por segunda vez, todos os sofrimentos do dia, ao ressuscitar no meu espírito os pormenores mais terríveis.

Os amigos do conde sempre que passavam diante do meu canapé, deleitavam-se a mofar malévola. Chamavam-lhe o «leito de Procustes».

No dia em que cometi o crime, um dêles, o senhor Lbov, convidou todos os seus amigos para uma ceia onde se festejava uma herança que acabava de receber. Eu fui-me logo vestir para ir também com êles. Quando já fomos a descer a escada, dei, sem querer, com o cotovêlo no senhor Lbov. Pedi-lhe desculpa, naturalmente.

— Não tem importância! — respondeu. Mas, após uma pausa, prosseguiu :



TAGARRO

— De resto, para que se há de incomodar? Pode ficar em casa. Ninguém o convidou...

Eu parei, de súbito, espesinhado por tão cruéis palavras.

Os convidados desciam a escada em grande algazarra. Um dêles, voltando-se para mim, gritou-me :

— Meta-se no seu leito de Procustes. Outro observou :

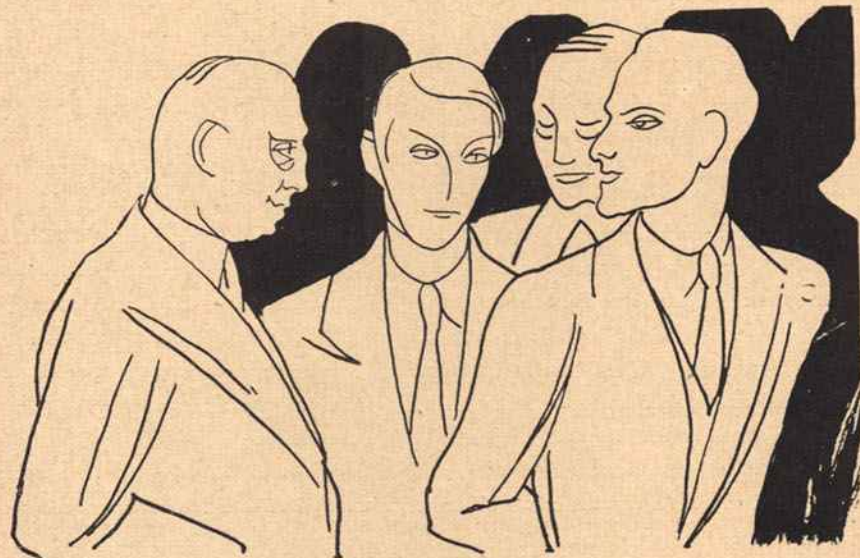
— Assim, ninguém o incomoda. E saíram, rindo, às gargalhadas.

Voltei-me para trás e estendi-me no canapé. Abrigava uma vaga esperança de que se arrependessem daquelas cruéis palavras e me mandassem chamar ; mas esperi em vão.

Duas ou três horas seguidas, chorei lágrimas de fúria impotente. O meu triste leito de Procustes fazia-me ver as estrêlas. Levantei-me, finalmente, cheio de ódio pelo endiabrado canapé.

Juntei algumas caixas de chapéus vazias, enchi-as de jornais velhos, que borrifei de petróleo, pu-las debaixo do canapé e cheguei-lhes um fósforo. Agia como um autómato, sem ser senhor dos meus actos... Perdi os sentidos...

Quando voltei a mim, já todo o quarto ardia. Cheio de horror, puz-me a gritar : «So-corro!» O resto já V. Ex.^{as} o sabem, senhores jurados.



(Tradução exclusiva para «Ilustração».)

A CRISE TEATRAL

UM PEQUENO INQUERITO

A futura época de inverno, pelas notícias dos mentideros, parece anunciar-se caótica, incerta, vacilante... Ao que dizem, ninguém sabe, ao certo; com o que conta... Há porém uma pessoa que sabe sempre alguma coisa e que, ao invés de todos os entrevistados, quer sempre dizer o que sabe... É o popular artista Carlos Leal que, nas horas vagas faz livros vibrantes de memórias de crítica... e também jornalismo... A ele pois...

Carlos Leal tem uma personalidade invulgar que se presta ao alarido, ao ruído, ao comentário vivo, por vezes irreverente, de quem faz juízo por informes mal seguros ou porque a educação de que se reveste corre parelhas com a gala dos maldizentes. Isto dizia há pouco um periódico lusitano que se publica no Rio de Janeiro, a propósito do artista ter sido condecorado, e acrescentando: «Mais de uma vez aqui nos fizemos eco da injustiça com que os governos de Portugal distribuía condecorações, premiando a esmo, sem escolha, distinguindo criaturas que nada recomendava para essa distinção e olvidando pessoas que a Portugal têm legado o muito do seu patriotismo, o seu esforço no campo das letras e das Artes.»

Exalta depois o actor como intelectual e criador de tipos populares, aparte a sua brilhante galeria de personagens do grande teatro. Assim é Carlos Leal tem de facto um lugar destacante, gosando de uma enorme popularidade.

Do endemoninhado histrião, dizia o empresário António Macedo que, dos chamados caros, era o mais barato, motivo porque estava sempre empregado.

Pois ao seu bom humor de que parece ter o exclusivo, devemos o que segue sobre a crise teatral no momento que passa.

— Base alguma coisa da crise teatral que aí se trombeta? Temos, na verdade, crise?...

— Crise teatral? Sim senhor, temo-la e da melhor marca. E pondere-se quanto antes, de contrário iremos, em dois tempos, parar à vala comum! Apontem-me o primeiro êxito real nestes últimos seis meses — excepção feita é claro, ao *Processo de Mary Dugan*.

Citar o triunfo elegante do Francis, a remoção do *Charivari*, a Maria Naves na *Mouvaria*, por exemplo... Não chega, nem evita a derrocada final!

— Mas crise de arte ou crise de público?

— Que não há crise de público, afirmam alguns eruditos, e que a da produção literária, é o maior mal, contesta-se também. Entendo porém que o cancro está na trágica situação porque passa o teatro, devido à incompetência dos técnicos. Então porque é que a revista *Charivari*, livre das piscinas e dos degraus inconcebíveis, batendo o record da alegria e da gargalhada, havia de morrer ingloriamente pelo facto da gerência de uma empresa acéfala — eu chamo-lhe assim — ter desertado precisamente no momento em que sérios compromissos a obrigavam, moral e materialmente, a manter-se no seu posto? — Não, que as agências funerárias ainda não anunciaram «bonus de 50 por cento de descontos!»

— Crise, então de dirigentes?...

— Crise sim, de direcção e com a cumplicidade da invasão estrangeira que nada de novo nos trouxe, a-pesar dos anseios da vedeta de indumentária Eva Stachino e o simpático George Botgen formidável trabalhador, mas que faliu desta feita como realizador. E para quê, se nos podemos arranjar com a pratinha da casa? Augusto Soares e Rosa Mateus, este o precursor das *girls* lusas, são dois interessantes animadores. Refiro-me ao género frívolo, em que me ingressei definitivamente para, ao som do jazz olvidar as horas trágicas da vida, iluminando a alma com os abraços e as rúbricas generosas como esta: «Ao valoroso defensor das minhas revistas».

Isto chega — já que os empresários honrados do «bonus» não dão mais!

De resto, não me tem faltado sugestões para regressar ao teatro declamado, sendo a última, com um afecto que retribuo como posso, do meu querido camarada José Alves da Cunha. Deixei, porém, em relicário os êxitos que me envolveram no teatro de Sardon, Pinheiro Chagas, Marcelino Mesquita, Júlio Dantas e outros senhores de algo na dourada heráldica da nossa dramaturgia.

— O que há a fazer, então?

— Olhe o «vienx» Braga já entrou com aprumo no torneio.

A quadra estival findou; vem o inverno, e com este a verdadeira época teatral, reabrindo as várias casas de espectáculo que estão em obras, e preparando-se a sinfonia da grande orquestra que vai ser dirigida ao que parece pela hábil batuta do notável «maestro» José Loureiro — *L'homme du jour*.

A ver vamos se acertam o compasso, e se o macabro ruído bastante implicante das grafólas, pára por uns momentos para podermos ouvir os novos ritmos da clássica melodia anunciada em vastos programas de bom senso.

E legisle-se, acabando de vez com os intrusos que, depois de extorquirem a colectividade, ficam impunes para voltarem à porta do templo... A hora que passa é tremenda para os obreiros da sublime arte. É falo de um modo geral, porquanto essa hora aconselha, a que certos espíritos derrotistas sejam mais benevolentes para com os negócios modestos e despreziosos, cujo único fim é o de manter honestamente o pão de cada dia à multidão que vive sob o proscênio. Na França por exemplo, observei o relativo desfaleço com que viviam algumas casas de espectáculo, mercê do carinho da imprensa e da assistência do público que em geral nunca falta, como sucedeu agora com a exploração Eimanz no Apolo, aos espectáculos populares *anavalhados* pelos famulos do ódio.

Os senhores doutores não exercem clínica só nos seus confortáveis consultórios... Vão também, e bem hajam, às policlinicas acudir aos pobres. Os mais eminentes lá tenho encontrado.

— E as províncias? Em Espanha recorre-se muito às boas *tournees*...

— As *tournees* para a província, só se podem defender com pequenos grupos. Os grandes elencos passam martiriosos com os preços dos hotéis, em geral péssimas hospedarias, e os transportes de caminho de ferro, os mais caros do mundo, pelo menos para os artistas, problema este que o Amarante em parte resolve, fazendo viajar a sua companhia em camionetas, das de categoria, é claro. E bem haja.

— Mas... não há probabilidades de companhias fixas em cidades da província?

— Setúbal, a linda capital do Sado, também dá um acariciante exemplo, mantendo a estabilidade de um elenco musicado com alguns elementos apreciáveis. Muita surpresa entretanto nos espera... Para nós artistas, e para o generoso e tolerante público.

— Voltando atrás!... Qual a sua opinião sobre a legislação teatral feita e anunciada?... Concorda com tanta legislação?

— Pois legisle-se, mas sem misturar o teatro com outras indústrias, e no sentido de o moralizar, e de não passarmos os dias a caminhar, com poucos resultados práticos, a-pesar dos bons anseios do afável inspector, para as alfombras da tua Henriques Nogueira.

O resto, livre de pressões, encontra-se nas sanguineas que envio para o grande diário *A Pátria*, rabiscadas, *sans peur et sans reproche*, com as devidas proporções respeitando tudo e todos consoante o meu critério sempre sangrado com inserção, no agasalho generoso da lusófila folha carioca, e sempre sob a divisa que está em legenda no bloco estatuário do nosso imortal Eça.

O actor cómico, que foi e será, de novo, quando o quiser, um notável actor dramático, vai sair do seu risonho aspecto de cáustico «compère» desta revista, um pouco pateada, que vai sendo o corriqueiro teatro português.

Era perigoso continuar... Há tanta delicadeza de epiderme no mundo das tábuas... Um abraço... Mais uns comentários em voz baixa... Rimo-nos... Rimo-nos... J. G.



Carlos Leal no seu gabinete de trabalho

O Lar ou o emprego?

EXPERIENCIAS PSICOLOGICAS PARA DETERMINAR AS APTIDÕES FEMININAS

O *Bureau* da Mulher, organização oficial americana, com sede em Washington, acaba de tornar pública a sua descoberta de que nenhuma mulher pode simultaneamente trabalhar no governo de sua casa, educar os seus filhos e ocupar-se regularmente em quaisquer funções fora do seu lar, de maneira a desempenhar-se satisfatoriamente de todos estes encargos. Esta conclusão é feita num relatório cuidado e substancial sobre a matéria em questão.

Pelo contrário, um outro relatório, também oficial, conclui que a mulher que se dedica a determinadas profissões, pode muito bem, sem constringer o seu organismo a um esforço físico além das suas possibilidades, e sem desprezar qualquer destas três funções, ou exercer uma delas especialmente, em detrimento das outras duas, exercer ao mesmo tempo a sua actividade no lar, junto de seus filhos e na sua profissão.

O *Bureau* da Mulher, serviço que funciona no Ministério do Interior, depois de ter analisado cuidadosamente as condições de vida existentes em quatro cidades situadas em pontos diversos do país, conclui por declarar que o governo doméstico exige todo o tempo duma mulher, quando esta seja casada e queira cumprir integralmente todas as obrigações que lhe incumbem no governo e arranjo do seu lar, e que, nestas condições, ela não deve em caso algum, sobrecarregar-se com as responsabilidades que nascem do desempenho de qualquer serviço remunerado, exercido fora de sua casa.

No decorrer das investigações feitas para a elaboração seu Relatório, o *Bureau* analisou as casas particulares de 11.000 mulheres, todas elas casadas e com filhos. Os resultados estabelecidos em consequência desta análise foram de tal maneira convincentes, que se concluiu pela necessidade de exigir de todas estas mulheres que abandonassem todas as suas ocupações profissionais, obrigando-as ainda à promessa de não voltarem a ocupar-se de qualquer outro trabalho, além do arranjo das suas casas. Qualquer desvio ou falta de cumprimento desta regra, diz-nos ainda o Relatório, compromete a integridade do lar, pois diminui consideravelmente a eficiência da mulher, como esposa e como mãe.

O segundo relatório a que fizemos referência, baseia-se no estudo das condições de

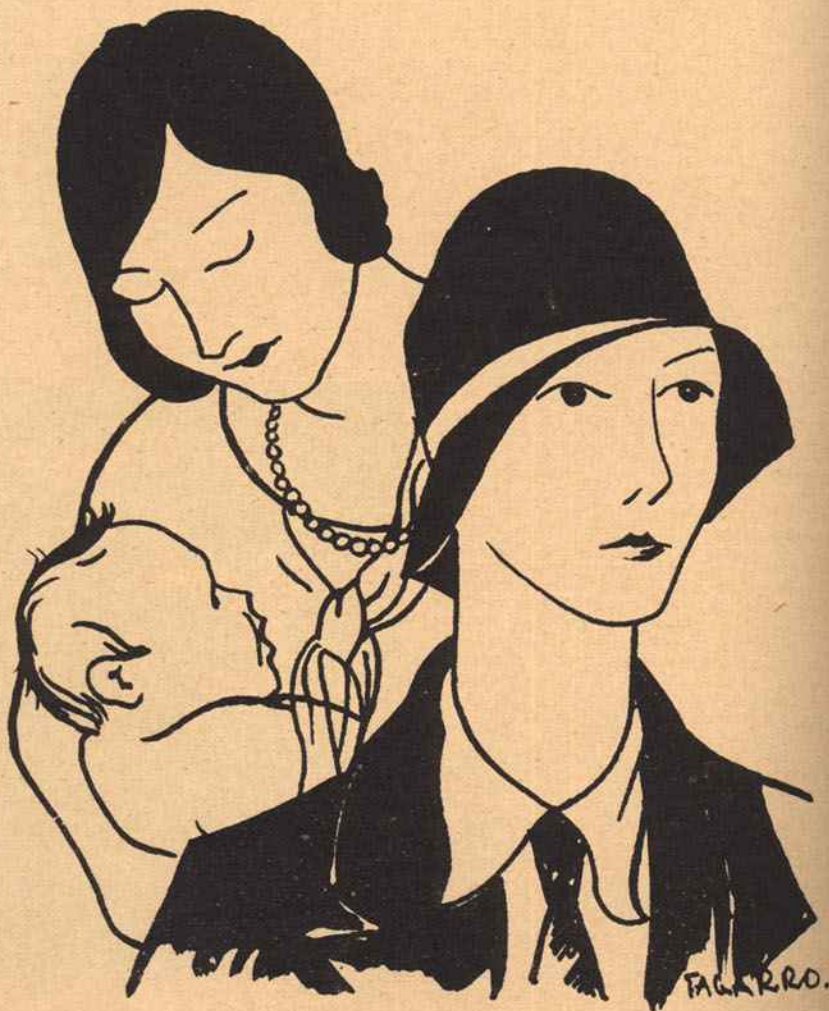
existência de uma centena de mulheres, exercendo várias profissões e residindo em Nova York, em Boston e noutros grandes

centros de educação, e foi publicado por uma importante organização de investigações científicas americana, o *Bureau* de Orientação Profissional. Todavia esta organização não deixa de reconhecer que o seu relatório se refere a indivíduos do sexo feminino que vivem numa situação excepcional, que muito lhes facilita as suas condições de existência. Mesmo assim não deixa de ter para nós um grande valor, porque tende a provar que, em determinadas circunstâncias, a mulher pode simultaneamente governar a sua casa e dedicar-se a uma profissão.

Entre as cem mulheres, da observação das quais nasceu o precitado relatório, 92 julgaram a sua tarefa de esposas e mães demasiadamente simples para exgotar toda a sua actividade, e principalmente, pouco agradável, quando ela se achasse limitada às quatro paredes do lar doméstico e às regras convencionais a cuja observância limitavam as mulheres de outro tempo a sua actividade.

A maior parte das pessoas observadas mencionadas no relatório, 66 % aproximadamente, ocupam uma grande parte do tempo nos seus trabalhos profissionais de professoras, artistas, vendedeiras, advogadas, sociólogas, etc., cuidando ainda do seu lar e dos seus filhos.

Em presença de conclusões tão divergentes, dificilmente acharíamos uma solução clara e satisfatória para este problema de tão grande actualidade: saber qual é realmente o lugar da mulher na vida da sociedade mo-



derna. Contudo, os psicólogos têm-se dedicado seriamente ao estudo dos processos de determinação das capacidades profissionais dos indivíduos e sabem que o resultado das suas experiências, aplicado especialmente às mulheres, pode levar-nos a concluir praticamente qual o género de ocupações que mais convém ao sexo feminino.

Entre os especialistas que mais se têm dedicado ao estudo da determinação científica da carreira ideal para as mulheres, podemos mencionar o Dr. H. A. Schült, que empregou nas suas investigações delicados e engenhosos aparelhos da sua invenção, permitindo a medição não só das capacidades profissionais da mulher, como até a de certas qualidades psíquicas, e facilitando-lhe assim a determinação das suas aptidões e, consequentemente, do género de trabalho que mais lhes convém.

A aplicação de experiências psicológicas não é já agora uma inovação. A psicologia experimental, que na América se tem desenvolvido muito, é certamente uma das mais recentes e curiosas aplicações das ciências, e os seus resultados práticos têm sido realmente brilhantes; mas o seu emprego na determinação das capacidades profissionais, tem-se quasi limitado à questão de saber se determinado indivíduo do sexo masculino possui ou não as aptidões necessárias para o desempenho de determinado trabalho em que se pensa ocupá-lo. Ora isto não é mais do que uma aplicação industrial da experimentação psicológica. Com efeito, têm sido principalmente os directores de empresas industriais, que têm aplicado estes resultados de laboratório na selecção dos seus assalariados.



veitosamente na selecção dos seus empregados (1).

Em certos casos as experiências psicológicas têm incidido sobre indivíduos dos dois sexos; mas em regra apenas indivíduos do sexo masculino têm sido sujeitos a elas. No campo de orientação feminina estamos ainda, infelizmente, longe das cuidadas provas de inteligência a que na América se submetem as crianças pela aplicação dos tests da *New Revision Stanford*, e das curiosas provas de aptidão a que durante a guerra foram também submetidos os mancebos americanos, antes da sua incorporação nas diferentes armas; não se encontrou ainda a solução para este magno problema do futuro, que é o lugar da mulher na sociedade; mas é de crer que o resultado das experiências e pesquisas dos psicólogos contribua eficazmente para a resolução do problema.

Os homens de ciência não descobriram ainda quais as qualidades de esposa e de mãe que podem eventualmente faltar nas mulheres que exercem uma profissão. E, se a algumas conclusões têm chegado, nada há ainda de absolutamente certo que nos permita insistir sobre a imediata adopção dessas conclusões. Também se não isolaram nem identificaram ainda determinadas qualidades, do conjunto das quais depende a determinação do tipo da mulher profissional. Talvez que elas se não afastem muito das que estabelecem a eficiência do homem para a sua profissão. Mas a ciência nada sabe, por enquanto, de positivo a este respeito.

Entretanto, prosseguem arduosamente as investigações tendentes a determinar se de facto existem entre o homem e a mulher diferenças tão consideráveis como a tradição secular pretende fazer-nos crer. Todo o problema apresenta ainda um aspecto vago, mas alguns resultados parciais deixam-nos já entrever a possibilidade duma solução satisfatória, entre outros, os conseguidos com os perfeitíssimos aparelhos do Dr. Schült, com os quais é já possível determinar a persistên-

(1) Ao dizermos que o emprego dos métodos psicológicos, na escolha da profissão, tem tido quasi exclusivamente uma aplicação industrial, é de justiça abrir uma excepção para o que se passa no nosso país. Apesar de, em regra, as grandes inovações científicas levarem tanto tempo a chegar até nós, possuímos já, graças embora à iniciativa particular, um bem organizado Instituto de Orientação Profissional que o Estado subsidia, e onde, por um diploma recentemente publicado, devem ser sujeitas a exame todas as crianças das escolas oficiais a fim de se estabelecerem scientificamente as suas tendências profissionais para melhor as orientar na escolha duma carreira.

cia e a boa vontade com que uma esposa ou uma mãe se ocupam das suas tarefas, quer exerça a profissão de cozinheira, de empregada de escritório, de contra-mestre duma indústria, etc.

Também por seu lado o Dr. A. J. Snow, psicologista americano, se tem ocupado no aperfeiçoamento dos métodos que permitem a eliminação dos indivíduos inaptos para o exercício de determinadas profissões, a de «chauffeur» de «taxis», por exemplo, e cuja inaptidão resultante de causas psicológicas, como um desequilíbrio nervoso, ausência de «self-control», falta de resolução, ou timidez. É já um domínio diferente daquele em que o Dr. Schült continuou a sua actividade, procurando estabelecer o grau de sensibilidade, exactidão e percepção de que as mulheres podem dispôr para o exercício das profissões a que se dedicam.

Em nenhuma das suas experiências procura o Dr. Schült lançar o paciente num estado de exaltação nervosa, para depois procurar estabelecer resultados normais; pelo contrário, o Dr. Snow coloca os seus examinandos sob a acção de focos de luz deslumbrante e atordoa-os com ruídos estridentes, apesar dos quais, o candidato a «chauffeur» se deve manter calmo. As máquinas do Dr. Schült destinam-se principalmente a verificar a maior ou menor facilidade com que as mulheres suportam a monotonia dos trabalhos caseiros, e a relação entre a sensibilidade dos seus dedos e os trabalhos que elas devem executar.

Outro investigador, o Dr. Johnson O'Connor, membro do departamento técnico da Companhia Geral de Electricidade, de Lynx Massachusetts, tem conseguido, mercê do resultado das suas experiências, melhorar consideravelmente as condições de trabalho das mulheres empregadas na sua oficina, diminuindo-lhes o cansaço e o aborrecimento.

Seria interessante que entre nós, onde existe já um tão grande número de mulheres que exercem as mais variadas profissões, cumulando muitas vezes esse exercício com os cuidados do lar, se procurasse efectuar algumas experiências, colher dados estatísticos e elaborar relatórios, que de algum modo viessem contribuir não só para elucidação da mulher que tenta qualquer profissão, mas ainda para melhorar as condições daquelas que já a exercem.

A ciência procura desta forma achar a solução dum problema grave: a determinação do verdadeiro lugar da mulher. Se desta arte o nosso país puder contribuir para melhorar a situação daquelas que trabalham para ganhar a sua vida, só temos que felicitar-nos por isso.

(Anglo-American Newspaper Copyright).

(Desenhos de Tagarro).



Até aqui essa selecção, se tal nome se pode aplicar a uma ligeira entrevista de cinco minutos, em que o operário era contratado após um breve colóquio com a pessoa que pretendia utilizar os seus serviços, e que, quando muito, o submetia a uma ligeira prova de ensaio, estava longe de dar resultados satisfatórios. Daí provinha um considerável desperdício de tempo e de dinheiro e, consequência pior, a utilização, em determinado ramo de actividade, de indivíduos incapazes de se adaptar a êle ou inaptos para o cumprimento das obrigações exigidas, e que, melhor seleccionados, e utilizados consoante as suas disposições naturais, poderiam produzir uma soma de trabalho apreciável.

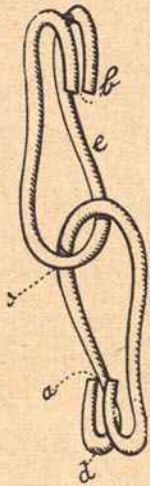
Se fôsse possível encontrar um método geral que permitisse determinar rápida e seguramente as capacidades dum individuo, — e já de há muito que os psicólogos se esforçam pela sua obtenção — esse método, aplicado industrialmente, permitiria a selecção dos mais aptos para todas as profissões e trabalhos, e reduziria ao mínimo os inconvenientes acima apontados. Já, no entanto, muito se tem conseguido descobrir neste campo e os resultados das pesquisas dos especialistas levaram já ao estabelecimento de determinados métodos, que algumas das grandes sociedades americanas, como já dissemos, têm utilizado pro-



Passatempo

OS GANCHOS INFERNAIS

(Paciência)



A paciência consiste em separar os ganchos, que a figura junta representa, mas sem forçar, nem em a nem em b. Vejam como é possível conseguí-lo.

■ ■

— Pois bem! está combinado, o senhor será meu genro. Concedo-lhe a mão de minha filha.

— Oh! mil vezes obrigado.

— Mas numa condição: é que minha mulher irá viver convôco.

— Perfeitamente, e V. Ex.^a também?

— Eu?... ah! não, Deus me livre!

O IMPOSSIVEL

O célebre almirante inglês Carlos Beresford, em certa ocasião, deu algumas ordens a um oficial subalterno do seu navio, relativamente a umas manobras navais, e este respondeu ao seu comandante que era impossível efectuá-las.

— Como, impossível! — respondeu o almirante. — Tenha a bondade de abrir o dicionário que está em cima daquela mesa e procurar a palavra *impossível*.

— Não a encontro — disse o oficial — ou para melhor dizer, está riscada com tinta vermelha.

— Justamente está riscada porque semelhante palavra não deve existir no dicionário de nenhum oficial da armada inglesa; faça, pois, cumprir as minhas instruções.

O oficial assim fez e as manobras efectuaram-se conforme o almirante dispuzera.

■ ■

No restaurant:

O freguês: — Olhe lá, quanto tempo tenho eu de esperar por essa meia galinha que pedi?

O criado: — Até que outro freguês peça outra metade. Bem vê que se não pode ir matar meia galinha, não lhe parece?

■ ■

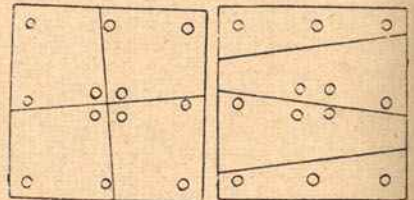
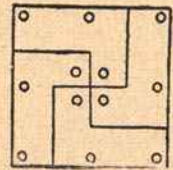
O relógio deu as sete, as sete e meia, as oito e as oito e meia. No entanto, a criada nova não se levantava. A patrão não teve remédio senão ir ela própria à porta do quarto, e chamar:

— Maria, você está acordada?

— Estou, sim minha senhora... Porquê?

OS DOZE TENTOS

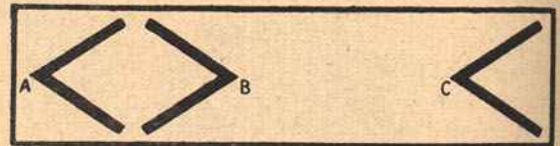
(Solução)



Não damos apenas uma solução ao problema. Aqui têm nada menos de três, nas três figuras que apresentamos.

■ ■

ILUSÃO ÓPTICA



Não há olhos, que não vejam perfeitamente, ser a distância BC muito maior do que a distância AB. É uma coisa que *salta à vista, como se costuma dizer*. Pois o que é verdade é que todos os olhos vêem errado e medem mal. As distâncias AB e BC são rigorosamente iguais.

■ ■

Três rapazitos estão fazendo projectos de futuro.

— Eu — diz o mais velho, quero ser pai-deiro: terei a certeza de ter pão.

— Eu, — diz o imediato — quero ser alfaiate: terei a certeza de ter fato.

— E eu — diz o mais novo — quero ser milionário: terei a certeza de ter dinheiro.

■ ■

IRONIAS DA SORTE

Nos bastidores do circo:

— O que vem a ser aquilo?

— É o homem que engole espadas que está engasgado com uma espinha.

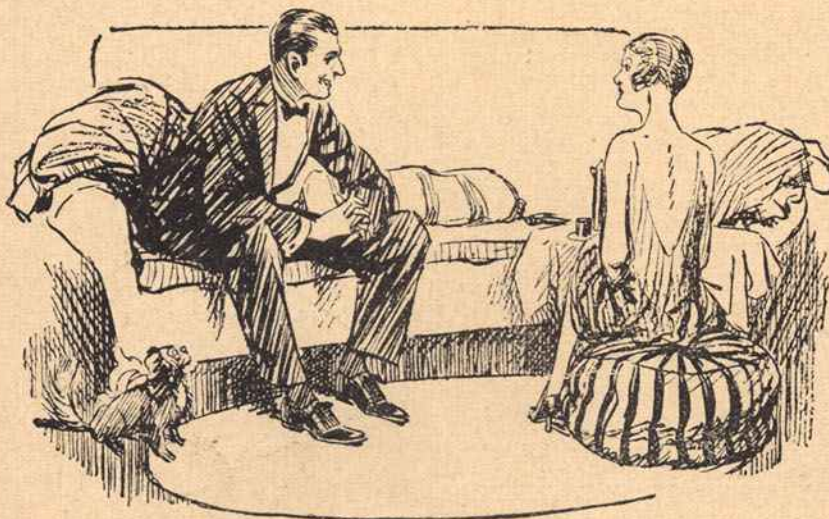
■ ■

Estão os ares turvos. O marido pega no chapéu e vai para sair.

Ela: — Onde vais?

Ele: — Onde me apetece.

Ela: — Bem; mas não vás a outra parte.



Fiu: — Aceitá-lo para marido?! Se há apenas dois dias que o conheço!
Ela: — Isso é verdade; mas como receio que me não aceite em me conhecendo melhor...

Columbia
ELECTRO
Graphophone



**O MELHOR REPRODUTOR ELETRICO
ATÉ HOJE CONHECIDO**

O MODELO 400 TEM UM ALCANCE
DE 1.500 METROS E O 1.º MODELO
CHEGADO FOI ADQUIRIDO PELO

TEATRO AVEIRENSE

BEM COMO UM GRANDE REPER-
TORIO DE DISCOS **COLUMBIA,**
OS UNICOS QUE SATISFAZEM
— OS MAIS EXIGENTES. —

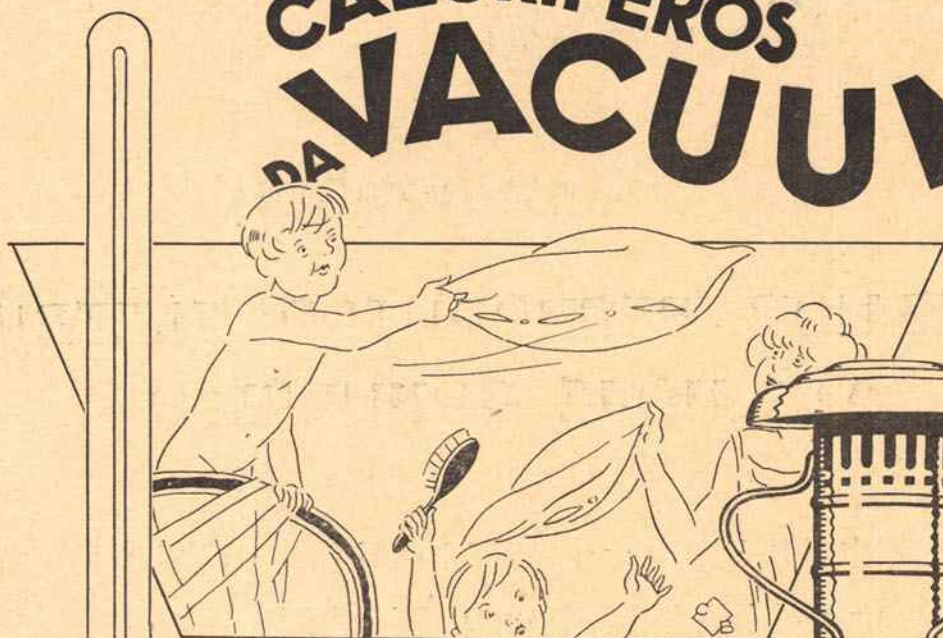
AGENTES GERAIS:

P. SANTOS & C.^A, L.^{DA}

Rua Ivens, 52, 54 — Rua Garrett, 57, 59, 61

LISBOA

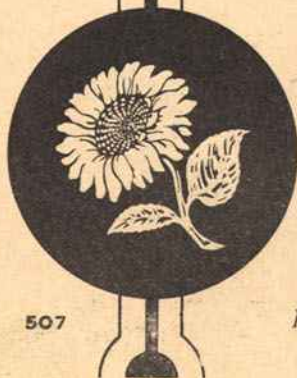
CALORIFEROS VACUUM



Temperatura
da Primavera

Pequerruchos constipados

Um Calorifero da VACUUM, que, além de oferecer toda a segurança, liga bem com qualquer estilo de mobília, e não deita cheiro quando funciona com Petróleo SUNFLOWER, faz sempre serviço útil ao aquecer o quarto em que os pequenitos tomam banho e se vestem.



PETROLEO SUNFLOWER

